



2021

Marco Nº 1 - Cevide



Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel



Taxa Paga Portugal Linda a Velha

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXVI - N.º 1456 | 1 Novembro de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75
Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

Tomada de posse do Executivo e Assembleia Municipal P.6-7



Centro de Estudos "Os Trakinas Sabichões" duplica capacidade e dá outra utilidade ao antigo Hospital P.20



Zona empresarial de Alvaredo está a ser atractiva para os investidores P.17



No mês das Almas: Ocaso da vida e rituais de saudade P.12-13



Festa do Espumante de 26 a 28 Novembro volta ao Largo do Mercado P.20

ARISTIDES SOUSA MENDES: «O JUSTO DAS NAÇÕES» PORTUGUÊS

P.2

MAIS DUAS CENTENÁRIAS EM MELGAÇO: MARIA TERESA CARABEL E LEONOR AMORIM

P.3 e 17

CONFRARIA DOS VINHOS VERDES ENTRONIZOU NOVOS CONFRADES

P.3

ÁLVARO CARVALHO: MAIS UM COLABORADOR QUE NOS DEIXOU ESTE ANO 2021

P.5

REAL CONFRARIA DO VINHO ALVARINHO CELEBROU GEMINAÇÃO COM CONFRARIA ENOGASTRONÓMICA DA MADEIRA

P.8

MEMÓRIAS DE UM ESTUDANTE DE COIMBRA

P.9

TROÇO ENTRE PENSO E ALVAREDO DA EN 202 SERÁ REQUALIFICADO AINDA ESTE ANO

P.15

CHUMBO DO ORÇAMENTO 2022 E SUAS CONSEQUÊNCIAS

P.18

UMA VIAGEM AO PORTO: O INFANTE DOM HENRIQUE E OS DESCOBRIMENTOS

P.22

VAMOS CAMINHAR JUNTOS, DESAFIA O PAPA FRANCISCO COM A CONVOCATÓRIA DO SÍNODO

P.23

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



Triplo Ouro no Concurso 2021 da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

O “Justo das Nações” Português

Serafim Reis

“Conheci” Aristides de Sousa Mendes em Bordéus, graças a um busto que lhe é dedicado, no distinto bairro Mériadeck. Um português “desconhecido” homenageado em França surpreendeu-me. A inscrição, referente ao seu ato de salvar 30 mil refugiados, atiçou a minha curiosidade. Em breve, tornou-se admiração. O “Justo de Bordéus” (como aí é chamado) realizou a maior ação de resgate jamais empreendida por um só homem durante o holocausto. Mais tarde, veio a veneração. A sua decisão fora difícil, com repercussões terríveis para si e sua família.

Aristides era cônsul português em Bordéus, quando a Alemanha invade a França durante a Segunda Guerra Mundial. Vê então irromper, à porta do consulado, filas intermináveis de refugiados que fogem da perseguição nazi. A maioria é de origem judaica. Sendo a Espanha de Franco “amiga” de Hitler, Portugal era a única saída disponível para a América.

Confrontado com o dever de obedecer às ordens claras de Salazar (nenhum visto será concedido a apátridas), Aristides vacila. Alberga a família do rabino Kruger ao qual promete passagem para Portugal. Este responde-lhe que não se trata de salvar a sua família, mas todos os seus irmãos judeus. O cônsul sofre então um colapso nervoso. Acamado, não come nem quer ver ninguém. Ao terceiro dia, reergue-se, decidido: “De

agora em diante, darei vistos a todos. Não haverá mais nacionalidades, raças ou religiões”. Assume o dever de consciência e de fé. “Se tantos judeus podem sofrer por causa de um ‘cristão’ (referindo-se a Hitler), é justo que um cristão sofra por muitos judeus”.

Acabados os formulários oficiais de visto, qualquer papel serviu para uma assinatura e um carimbo. Ignorando as repreensões de Lisboa prosseguiu a sua tarefa. Quando a dependência consular de Bayonne deixou de emitir vistos, por ordem do regime português, Aristides deslocou-se até aí para assinar, ele mesmo, os preciosos documentos.

Finalmente destituído, e com ordem expressa de regresso imediato a Portugal, Aristides, acompanhado pela sua esposa, seus onze filhos e uma empregada, embarca no “Expresso dos Montes Hermínios” – como era conhecido o seu carro de dimensões especiais. Na fronteira espanhola, depara-se com uma multidão de refugiados a quem tinha concedido vistos. As autoridades espanholas, alertadas por Lisboa, recusavam-lhes a passagem. Aristides decide então conduzir toda essa gente para outro posto fronteiriço menor, onde os recados do regime português não tinham chegado. Aí, o cônsul português, seguido por largas dezenas de refugiados, passam a fronteira como outrora Moisés ultrapassara o Mar Vermelho, a caminho da “terra prometida”.



Em Lisboa, aguarda-o a severidade de Salazar que não lhe perdoa a desobediência. Enquanto Portugal recebe elogios internacionais por “ajudar” a salvar tantas vítimas da Guerra, Aristides de Sousa Mendes é destituído, sem direito a pensão. Incapaz de sustentar a sua numerosa família, vê-se obrigado a enviar os seus filhos para a América, acabando por ter de comer a “sopa dos pobres” juntamente com aqueles que a quem passara o visto salvador. Como eles, tornou-se um pária... no seu próprio país.

“Não tenho nada para te deixar, apenas o meu nome, limpo”, disse ao sobrinho, no seu leito de morte, em 1954, na maior miséria.

Só em 1988, foi reabilitado pelo parlamento português.

Por fim, hoje, um “Justo das Nações” merece as honras do Panteão nacional.

Sobre o Sínodo dos bispos e a sua fase diocesana

«A Voz de Melgaço» nasceu com uma vocação e missão evangelizadora. Um assunto como o do Sínodo dos Bispos que, desta vez, quer contar de verdade com a colaboração e cooperação de todos, merece uma especial atenção da nossa parte. Primeiro para enfatizar que o mais importante é que cada um se ponha à escuta do que Deus sugere na oração e no silêncio. E que a caminhada em conjunto, que é o que significa a palavra Sínodo, tem de começar na própria casa. Se não há caminho em comum em casa, com oração e escuta da Palavra de Deus, tudo o resto soará bastante a falso. Depois, importante ainda a caminhada em conjunto na

celebração dos sacramentos, sobretudo o da Eucaristia. Se na missa não há verdadeira participação na maneira como se reza, se canta, se escuta e medita a palavra, como ela é explicada na homília e interiorizada no silêncio que se lhe deve seguir; no seguimento recolhido e vivo dos restantes momentos celebrativos, incluindo a comunhão... se isso não acontece, as pretensas reuniões de debate soam a falso e não darão qualquer fruto.

Primeiro, é preciso saber escutar as moções do Espírito, e só depois vem o diálogo com os outros sobre os caminhos que, na oração, Deus sugeriu a cada um.

Estejamos bem atentos e evite escorregar para um caminho que não é o querido por Deus e, portanto, não pode ser um caminho sinodal.

Os nossos prezados assinantes e leitores que quiseram intervir com reflexões sobre este assunto serão bem vindos e acolhidos.

Disponham. O jornal tem proprietários legais, mas os verdadeiros proprietários morais são os melgacenses. Ninguém pode com verdade afirmar que se lhe negou qualquer oportunidade de intervir, desde que no respeito mútuo pelas opiniões e ideias de cada um, e sem atingir a honra e o bom nome de ninguém.

Os nossos amigos

Nunca é demais insistir no facto de que um jornal só tem razão de ser se serve os interesses do concelho e dos seus cidadãos. Cremos que tem sido essa a nossa linha de rumo. Mas não vivemos apenas de bonitas palavras. Precisamos da colaboração de todos para satisfazer os nossos compromissos de vária ordem para garantir que o jornal se possa continuar a publicar. Os nossos assinantes jogam aqui um papel vital.

A esmagadora maioria diz-se agradada com a qualidade do jornal. À hora de ter a assinatura em dia, há umas boas centenas que não têm a preocupação de ver se a sua assinatura está paga ou em atraso. Isso dificul-

ta imenso a gestão corrente, porque 7 a 10 mil euros de assinaturas em atraso causam enorme transtorno. No estrangeiro, vimo-nos obrigados a suspender o envio do jornal para quem tinha dois anos em atraso, pois não temos a garantia que regularizem a assinatura e a expedição pelos CTT custa mesmo muito. Para o Continente custa menos, é certo, mas também são bem mais os que estão em atraso de 2 e até 3 anos. Ora é muito fácil saber como está a situação de cada um. Basta ver na etiqueta do endereço qual o ano pago e fazer as contas. Se falta 1, 2 ou 3 anos, basta multiplicar pelo custo da assinatura. E hoje o pagamento por multibanco tor-

na as coisas bastante fáceis. O NIB vem bem explícito na 2ª página do jornal, mas repete-se aqui:

0018 0000 28639224 00105

Estamos mesmo no fim do ano, pelo que solicitamos mais uma vez aos retardatários para não atrasarem mais o pagamento da assinatura. A confiança por nós depositada na seriedade e compromisso de cada um merece a devida correspondência.

Aos amigos que até já pagaram mais 3 ou 4 anos adiantados, o nosso muito obrigado pela ajuda e estímulo que isso significa.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozdemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozdemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.600 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Áncora

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636
NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, nº 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 22,50 Euros
Estrangeiro – 30 Euros

Confraria do Vinho Verde entronizou novos confrades

António Jorge Tavares*

Teve lugar no passado dia 23 de outubro, a entronização de novos confrades para a Confraria do Vinho Verde a qual teve lugar na Fundação António Cupertino de Miranda, no Porto.

Foram um total de 23 os novos membros entronizados, e com especial destaque para o elemento feminino, pois várias senhoras foram entronizadas. Só vem realçar que cada vez mais as mulheres participam no gosto e divulgação dos nossos vinhos verdes, já que muitas delas se encontram empenhadas a trabalhar nas suas quintas.

Foi prestada homenagem ao Confrade José Maria Lacerda e Megre, que faleceu recentemente. Era natural de Ponte da Barca, monárquico e que pugnou muito pela Confraria. Foi fundador do Clube dos Poetas Vivos, onde divulgou imensos poetas, com destaque para o poeta Pedro Homem de Mello. Era um excelente tocador de viola, tendo feito grandes serenatas com o seu grande Amigo António Moniz, o qual teve oportunidade de nesta entronização o recordar. Houve também um momento de poesia, a cargo de Maria Augusta Sá-Pinto, par além da apresentação do livro do historiador Professor José Augusto Maia Marques, com a história da Região Demarcada do Vinho Verde, livro esse oferecido a todos os presentes

Todos os presentes, num total de 150 pessoas, puderam também assistir a um vídeo, apresentado pelo Confrade, Professor Gonçalo Maia, com excertos das várias sessões realizadas na plataforma "zoom", em virtude da pandemia Covid-19.

A eng^a. Cristina Lima, da Quinta de Soutelos, teve também oportunidade de mostrar e comentar um vídeo de promoção do vinho verde, realizado pela Confraria na sua quinta.

Os Confrades presentes e convidados tiveram que usar a máscara, a qual só foi retirada para o almoço.

O presidenta da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Dr. Manuel Pinheiro, teve também oportunidade de fazer uma exposição sobre a situação actual da região e o seu futuro.



Após a entronização de todos os Confrades, foi feito o juramento por todos eles, em que juram defender e promover o vinho verde e a região, finalizando com um brinde do mesmo, seguindo-se o almoço e a foto da praxe no final com todos os Confrades.

* Jornalista (o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Maria Teresa Alves Carabel fez 100 anos

Padre Carlos Nuno

Esta melgacense de gema vive agora no Centro Paroquial e Social de Barbeita, em Monção, onde se sente como em família. Completou em 26 de Setembro passado a linda idade de 100 anos, com direito a bolo de aniversário e os parabéns como documentado nas fotos.

Foi em conversa com o Presidente do Centro, o Padre Américo, que fui alertado para o facto, para mais tratando-se de uma assinante do jornal desde há muitos anos e que ainda lê com proveito e prazer.

Filha de Germano Alves e Aurora Rodrigues, fez a instrução primária em Melgaço e depois o 2º ano em Valença.. O seu padrinho de baptismo, Abílio Alves Carabel foi famoso no nosso concelho por se ter aventurado nos difíceis anos de 1918, mesmo no final da primeira guerra mundial, a instalar uma fábrica de chocolate em Castro Laboreiro. Tinha que ser bastante artesanal, se pensarmos que não havia luz elétrica nem água canalizada. Mais tarde, a mesma fábrica passou a ser instalada no lugar da Barbosa, da Vila de Melgaço.

Depois do falecimento da mãe, a Maria Teresa foi viver uma 7 anos no Brasil juntamente com o irmão Germano já há bastantes anos falecido. Depois regressou à terra natal, viveu no lugar da Barbosa, em cuja casa hospedou vários estudantes do Colégio de Melgaço. Foi



sempre uma mulher muito interventiva e interessada nos verdadeiros problemas de desenvolvimento da terra, amiga de colaborar com a Igreja e de ajudar quem precisasse.

Tive a felicidade de a conhecer e visitar algumas vezes na sua casa da Barbosa, e estou tranquilo por saber

que o afilhado José Gomes e seus familiares a tratam com muito carinho, acompanhando de perto a sua vida no Lar.

Do fundo do coração auguramos que possa estar entre nós mais alguns anos e com a lucidez que ainda revela em bastantes momentos.

Os nossos profissionais dedicam muitas horas a Formações para proporcionar o que há de mais inovador na Medicina Dentária.



EstheticSmile
Largo da feira - Melgaço

Tlf. +351251.404002
808215415

EstheticSmile
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA



PREZAMOS A SUA SEGURANÇA E A SUA CONFIANÇA.

Por isso não hesite em usufruir dos nossos serviços.



O Amor é uma Luz que nos faz ter Fé

Helena Matos

A paz do silêncio e a força da palavra no momento da partida dita que ninguém ama aquilo que não conhece.

Não há palavras capazes quando o soluço embarga a voz, a lágrima jorra dor, o coração sangra por amor e a alma busca o sentido da perda.

Em comunhão com o que dá razão de ser à vida há uma onda de envolvimento com o meio que nos envolve. A natureza tem uma vivência muito própria que nos encaminha até Deus.

O som da chuva que toda a noite caiu veio para nos fazer companhia!...

O cheiro da terra molhada despertou os sentidos! É o líquido que corre nas veias dos deuses que dá esse odor tão único e característico. Pareceu um chamamento para que o coração não ficasse árido mas que, humedecido pelos bons sentimentos, desse lugar aos nutrientes dos bons e são princípios que norteiam a vida. Um chamamento para que um coração saudável desse o ar da sua

graça na conquista de bem com a vida e com quem nos rodeia. A alma escuda-se na saudade que irrompe sem se fazer anunciar.

A nossa bolha de vivência e convivência é posta à prova! Quando rebenta ao menos que se espelhe com sentimentos de luz e ventos de harmonia.

Naquela pretérita terça feira, dia 19 de Outubro, a dor dilacerou o coração de quem te amava Álvaro. Deixaste-nos desvalidos tateando um caminho desconhecido.

No dia seguinte, uma quarta feira que se impõe no percurso, agarramo-nos à "oração do amor" de São Francisco de Assis que sempre te acompanhava e adoptamo-la como:

Oração da Manhã

"Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:

consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe.

É perdoando que se é perdoado.

E é morrendo que se vive para a vida eterna."

A quinta feira anunciava um dia extenuante. Graças a Deus, a Missa de corpo presente deu-nos força para aceitar a provação que nos é destinada.

O Amor é uma Luz que nos faz ter Fé, Álvaro!

Bem Haja a quem nos confortou e elevou o nosso Álvaro. A palavra e a música fortaleceram nosso espírito e acalmaram a nossa alma.

Açafrão-bravo flor de Outono

Teresa Tábuas

Sempre gostei de caminhadas pela natureza. O ar livre faz-me sentir bem, pois a paz e a serenidade destes locais, ajudam-me a descontraír, a baixar os níveis de stress e, segundo dizem os especialistas, contribuem para a melhoria global do sistema imunitário.

Caminho sempre em sintonia com tudo o que me rodeia e, sem estar obcecada pelo exercício físico, deleito-me com coisas que passam muitas vezes despercebidas àqueles mais distraídos, que nem sequer vêem onde pisam os pés e o que destroem na sua passagem.

Confesso que, no meu jardim e horta biológica sou, uma verdadeira exterminadora de caracóis, por exemplo, mas já na serra sou capaz de passar uns belos minutos a observar o acasalamento de dois destes seres hermafroditas e penso como aqui não pode haver egoísmo nem haver aproveitamento do outro para usufruir do ato, num acasalamento mútuo, onde cada um é fecundado e fecunda o parceiro.

Há dias, fotografei uma plantazinha minúscula, que surge do chão nesta altura do ano, como parecendo um verdadeiro milagre da natureza, pois não exhibe qualquer parte verde mais especializada em fotossíntese e a sua flor salpica o chão de tons de lilás azul exibindo os seus órgãos reprodutores, sem qualquer pudor, onde se destacam o estigma alaranjado que pode ser aproveitado para dar cor às nossas comida. É, por isso, denominada de açafrão-bravo.

Esta pequena planta, com cerca de 6 a 12 cm de altura, aparentemente parece não possuir caule, contudo este é um bolbo, que se encontra enterrado, de onde surgem as

flores, geralmente primeiro que as folhas, de forma isolada ou em pequenos conjuntos de 2 a 3 flores, por bolbo. A contrastar com a cor das pétalas, no centro da flor, surgem 3 longos estames amarelos e um estilete ramificado de cor alaranjada. Mais tarde aparecem várias folhas longas e finas de cor verde.

O açafrão-bravo é uma planta endémica da Península Ibérica, ou seja, ocorre naturalmente apenas em Portugal, um pouco por todo o país e em Espanha na região de Castela e Leão. Aparece preferencialmente em terrenos secos, pedregosos, áridos, frequentemente ácidos, em zonas de matos abertos, pinhais, carvalhais e prados.

O açafrão-bravo, *Crocus serotinus*, é do mesmo género que o açafrão-verdadeiro (*Crocus sativus*), de onde é extraída uma das mais caras e delicadas especiarias do mundo – o verdadeiro açafrão.

O açafrão-verdadeiro não deve, no entanto, ser confundido com o açafrão-da-índia (*Curcuma longa*), também conhecido como açafrão-da-terra, gengibre-amarelo ou curcuma. Destes dois últimos tipos de açafrão já escrevi em textos anteriores.

O açafrão-bravo, também vulgarmente conhecido como cebolinhas ou pé-de-burro, é uma planta perene bulbosa que surge habitualmente após as primeiras chuvas de Outono.

A designação científica desta espécie surge da particularidade de apresentar uma floração tardia. O nome do género *Crocus* deriva do grego – *krókos* – que significa "açafrão" e *serotinus* do latim que significa "tarde", ou

seja, que floresce mais tarde, isto é, no Outono.

Há uma lenda que explica por que razão as plantas conhecidas como íris como esta e outras espécies de plantas (os gladiolos e as frésias, por exemplo) que ostentam flores de cores muito vivas e que pertencem à família das Iridaceae. O nome desta família surge do grego – Iridos – que significa "arco-íris". Segundo a lenda, a deusa grega Íris, sempre que transportava mensagens de Olimpo para a Terra, caminhava através de um arco-íris. Ao longo desse percurso levava consigo, nos pés, pedaços de arco-íris e, quando caminhava na terra, das suas pegadas resultavam flores bastante coloridas e de todas as cores.

Ainda não há muitos estudos sobre as propriedades medicinais do açafrão-bravo, embora seja utilizado como o seu parente açafrão verdadeiro, *crocus sativus*, uma das especiarias mais utilizadas na dieta mediterrânea. Este aplica-se na medicina natural devido às suas propriedades antioxidantes, digestivas, anti-inflamatórias, imunorreguladoras, anti-espasmódicas e outras.



Flashes do Ciclo

O Grande Equívoco do Ministro da Defesa e o rescaldo das Eleições 2021

Arménio Melo

Efetivamente, o ministro da Defesa, equivocou-se, embora falem em equívocos, eu só vislumbro um. O grande equívoco, do ministro, foi pensar que o Presidente da República, era o mesmo que exonerou a Procuradora Geral, Marques Vidal e nomeou a atual Procuradora, quebrando a tradição que existia, que consistia em o proponente, apresentava 3 nomes e o Presidente, escolhia um. Assim, o ministro, tentou fazer igual, esquecendo-se que, naquele mandato, estava um Presidente, candidato a candidato a novo mandato, pelo que precisava de votos do partido socialista, agora é candidato a nada, não precisando, obviamente do PS. Mas, o PR, também não ficou bem neste episódio, como Chefe Supremo, das Forças Armadas. Com efeito, o PR, ao ter conhecimento do caso, tinha o dever de chamar imediatamente o ministro e, confirmado convocar o 1º ministro, para propor a substituição do ministro da defesa. Estava em causa as relações, entre dois elementos do topo, da Hierarquia Militar, pelo que o culpado devia ser imediatamente substituído. Não faz sentido, o ministro e o Chefe do Estado da Armada portuguesa, estarem de costas voltadas, sem a confiança mútua que deve existir, entre ambos e, nestas ocasiões, é que se conhecem, os homens com dignidade. Efetivamente, o ministro da defesa, fez o que não devia, pelo que, quando o PR lhe tirou o tapete, era ele, que deveria pedir demissão, o que não fez e agora PR e 1º

ministro, parece pactuarem, com esta, vergonhosa situação.

Na noite das Eleições 2021, António Costa e o seu companheiro, Luís Carneiro, apareceram nas televisões, com discursos, que parecia que haviam ganho este mundo e o outro, quando na verdade, havia sim, sofrido pesadas derrotas, quer no que concerne perdas materiais, visto entrar na campanha, com cento e sessenta e sete, câmaras, saiu com cento e cinquenta e duas, quer nas perdas das cidades, emblemáticas. Um estudo do Jornal Expresso dizia que, o PS, só nas cidades maiores, perdera 11% dos votos. De facto, das quatro maiores cidades portuguesas, o PS tinha duas, Lisboa e Coimbra, o PSD uma Braga e os independentes uma o Porto. Com a vitória do PSD, em Lisboa e Coimbra, o PSD ficou com três Lisboa, Coimbra e Braga, os independentes mantêm o Porto e o PS nenhuma. Braga, tem quatro cidades principais, duas estavam no PS, Guimarães e Barcelos e duas no PSD, Braga e Famalicão. Com a vitória do PSD em Barcelos, o PSD ficou com três e o PS com uma, Guimarães. Mas, a vitória, foi nacional. Com efeito, no continente, venceu em nove capitais de Distrito, bem como, na capital dos Açores, Ponta Delgada e na capital da Madeira, o Funchal, estavam ambas no PS. Aliás, o PS tinha a maioria das Câmaras, nos Açores e agora, está no PSD. No Continente, o PS ganhou em cinco distritos quase metade do PSD, as outras quatro, foram duas para os independentes, Porto e

Guarda e duas foram para o PC, Setúbal e Évora. Ainda sobre as cidades, a Figueira da Foz, é uma cidade, das importantes portuguesas, também estava no PS e passou para um independente, Santana Lopes, foi sem dúvida uma derrota histórica, para António Costa, que nunca um 1º ministro, se envolveu tanto em eleições autárquicas, como ele, confundindo, vergonhosamente as situações, factos muito bem explorados e melhor comentados, por Rui Rio, que obteve uma boa vitória, a qual amorteceu António Costa e, parecia desanimar, os seus inimigos no partido o que não aconteceu. Com efeito, quando o partido está numa ótima posição, para ganhar as Legislativas, precisa de um partido unido, surge um movimento, pelos desestabilizadores, com o Paulo Rangel, à cabeça a dividir o partido. Paulo Rangel, dias antes da apresentação da sua candidatura, apresentou-se nas Televisões, para confessar ser homossexual e que, guardara segredo até esta data, para não dar desgosto à mãe. É natural, uma mãe ou pai, sentirem desgosto ter um filho, com esse Género. Mas, no partido, não haverá desgostos, porém haverá muitos militantes e votantes no partido que não ficarão satisfeitos, ver um Gay, presidente do partido e trocarem o sentido de voto. Para isso, tem três partidos similares, Chega, CDS, e IL, para escolher, cá por mim, eu já escolhi, sou votante do PSD, desde o início, porém, no dia que Rangel tomar conta do partido, para mim acabou.

Um Amor Eterno

Helena Matos e Helena Carvalho

Querido e Eterno Marido, Pai, Melhor Amigo e Inigualável Mestre:

Foste, és e continuarás a ser o nosso eterno Alvarinho! O nosso eterno amor!

Incrível que, onde quer que entrasses, fazias uma casa cheia. Com o teu porte altivo, com o respeito que induzias ao primeiro olhar, com a tua voz confiante, enternecedora e acolhedora, e com um charme que te era tão natural!... A tua presença enchia os nossos corações e os de todos aqueles que se cruzaram no teu caminho.

Inspirador!

Como tu inspiravas e influenciavas todas as pessoas à tua volta.

Professor!

Como tu ensinavas e cativavas o “bichinho” por gostar de aprender.

Jornalista!

Como tu te empenhavas, noticiando, trabalhando e lutando, fiel aos teus ideais e fazendo jus ao teu grande intelecto.

Conselheiro!

Como tu dizias sempre a palavra certa na “hora H”.

Destemido!

Como tu ias à luta e conquistavas tudo aquilo a que te propunhas.

Brioso!

Como tu punhas um detalhe só teu, inovando e criando com todo o teu brio profissional.

Perfeccionista!

Como tu te empenhavas e exigias com todo o teu

rigor que, tudo o que fosse feito, fosse bem feito.

Acolhedor!

Como tu acolhias as pessoas nesse teu coração tão caloroso e plantavas o bem ao teu redor.

Amoroso!

Como tu dedicaste sempre o teu amor a todos os do teu sangue e à mulher da tua vida, a minha Mãe.

Educado!

Como tu foste sempre respeitador e educado. E a educação e o amor são do melhor que nos deixas.

Único!

Nunca existirão palavras suficientes para te descrever. Porque tu, para mim, és a definição de perfeição.

És único! És o Homem das nossas vidas e será eterno o sentimento que nos une. É impossível não o seres. É impossível não o manifestar naquilo que hoje sou e que o devo a ti e à minha amada Mãe. Espero que te orgulhes de nós!

Dói! Dói muito não te ter aqui, ao nosso lado fisicamente. Mas o abraço que nos deste vai prevalecer para sempre, com o teu beijo tão delicado e tão doce, nas nossas faces.

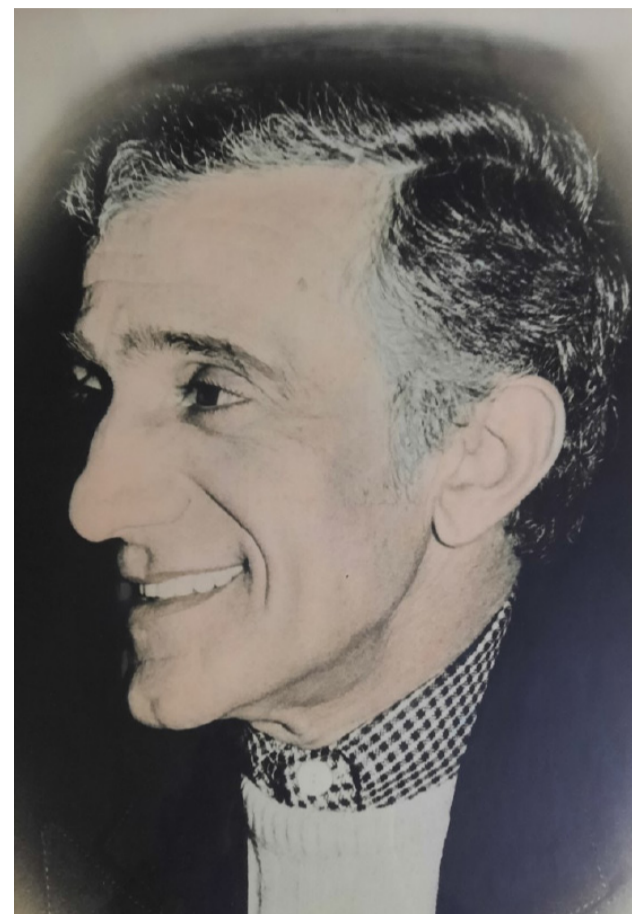
Obrigada por tudo e até já! Estamos sempre contigo e tu sempre connosco.

Brilha lá no alto como tu bem mereces, pelo fantástico e maravilhoso Homem que és!

Foste um grande Senhor até ao último segundo!

Amo-te Pai! E a tua esposa amar-te-á sempre! És muito amado entre nós!!

Das tuas eternas Helenas.



Mais um colaborador que nos deixou

Há uns bons anos que o dr. Álvaro Almeida Carvalho nos presenteava com a sua coluna habitual, intitulada «Gazetilha», aliás muito apreciada.

Com uma ligação a Melgaço por um anterior matrimónio, nunca deixou de se interessar pela nossa terra. E quando surgiu a ocasião, começou a colaborar.

A sua esposa, Helena também colabora no jornal.

Nesta edição, além do texto da Helena, há um outro da filha Helena, dedicado ao pai e que fez questão de ler no final da celebração exequial na Igreja da Senhora-a-Branca. Depois, o cortejo fúnebre seguiu para Figueiró da Serra, em Gouveia, onde foi sepultado em

jazigo de família.

Aqui fazemos memória agradecida e nos unimos ao luto da esposa, filha, outros filhos e demais familiares, na certeza de que, junto de Deus, temos mais um intercessor.



Hotel Castrum Villae: hospitalidade,
natureza e património no coração da Serra da Peneda

+351 251 460 030 | reservas@hotelcastrumvillae.pt

Castro Laboreiro - Melgaço | hotelcastrumvillae.pt

CASTRUM
VILLAE
HOTEL

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA

TRANSPORTES
SEMANAIS
ENTRE

PORTUGAL

FRANÇA

CONTACTOS: e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

FRANÇA	PORTUGAL	MORADA:
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046 Tlm: 967 559 270 Tlm: 914 827 484	Lugar da Igreja Roussas 4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

Tomada de Posse do executivo e Assembleia Municipal

Sessão ao ar livre e transmissão online das primeiras

João Martinho



O executivo liderado por Manoel Batista tomou posse no dia 9 de Outubro, em sessão decorrida no Largo Hermenegildo Solheiro (com transmissão on-line via redes sociais) e renovou condições para o terceiro e último mandato do edil. Contudo, o fim de ciclo da gerência de Manoel Batista não será apenas de balanço de obra feita e é o próprio que promete “concluir e iniciar novos desafios”, ou mesmo “elevar a fasquia e ambicionar ainda mais”.

Mas o discurso do autarca socialista, reconduzido ao cargo, acontecerá no final da cerimónia de tomada de posse do executivo e membros da Assembleia Municipal de Melgaço, portanto, em cumprimento do guião, foi a Presidente da Assembleia Municipal, Maria de Fátima Esteves, que deu o ponto de partida ao momento que seria também de homenagens e em memória de figuras que ao longo dos anos fizeram parte deste organismo autárquico.

Maria de Fátima Esteves deixou palavras de agradecimento aos que cessaram funções “pelo trabalho que engrandece o território” e “aos novos”, “escolhidos democraticamente” para defender os direitos da comunidade, fez notar que serão “a linha da frente no combate por melhores condições de vida, por melhor educação, melhor saúde. Somos a frente de um combate que nunca termina”, afirmou.

Recordou ainda o Presidente da Mesa da Assembleia Municipal que a antecedeu, o engenheiro Artur Rodrigues (falecido em Março de 2018, com 77 anos) que, no discurso da sua última sessão de Assembleia, em Outubro de 2017, que lhe viria a suceder, dizia que “Melgaço está escrito, falta lê-lo”. Fátima Esteves, que segura o testemunho desde então, complementa: “Eu acho que

devemos continuar a rescreve-lo para que as gerações mais novas possam lê-lo melhor”.

“Gratidão é uma palavra demasiado usada e pouco sentida, mas asseguro-vos que é o sentimento que hoje tenho”

Com a sessão fora de portas dos Paços do Concelho, perante elementos do executivo e autárquicos presentes, mas também de representantes de entidades do distrito, Manoel Batista começou por indicar que a vulnerabilidade dos políticos à crítica está a dificultar o papel ou até a escolha de líderes para o poder local, e de uma imagem pública que se vai desgastando.

“Hoje é dia de emoções fortes, da última tomada de posse enquanto presidente de Câmara de todos os melgacenses. Assumi este desígnio com a consciência do enorme desafio que tinha e terei pela frente. Os políticos são alvo de fácil ataque e crítica e raramente é reconhecido o trabalho desenvolvido, por isso é cada vez mais difícil encontrar quem esteja disponível para servir o poder local. A imagem pública de quem exerce um cargo político não é, nem de longe nem de perto, a melhor, mas asseguro-vos que exerci e exercerei a gestão da nossa terra com todo o meu empenho profissional e pessoal”, reiterou.

Congratulou ainda toda a equipa do executivo e órgãos autárquicos pela “lealdade no serviço”.

“Gratidão é actualmente uma palavra demasiado usada e pouco sentida, mas asseguro-vos que é o sentimento que hoje tenho perante toda esta equipa que aceitou trabalhar mais quatro anos para e por Melgaço. Vamos juntos concluir o projecto a que nos propusemos”, congratulou o edil.

Aos melgacenses, reforçou o mote da campanha, assegurando que “o trabalho continua” com a “racionalidade, rigor” e estratégia para definir instrumentos e ágil. “A navegação à vista nunca deu bom resultado”.

“Fomos merecedores da vossa confiança para, nos próximos quatro anos, continuar o projecto. Podem contar com isso. Vamos concluir e iniciar novos desafios para o futuro. Elevar a fasquia e ambicionar ainda mais”, prometeu.

Reconhecimento ao trabalho da Vereadora cessante, Maria José Codesso

No momento do seu discurso, Manoel Batista presenteou a Vereadora cessante, Maria José Pinho, com flores e algumas palavras acerca da sua dedicação à causa pública, que reproduzimos:

“Nesta cerimónia não assumo por tua livre vontade o lugar de Vereadora, porque entendeste ser altura de abraçar outros desafios. Não integraste a nossa lista por opção, porque entendeste ser altura de dar lugar a outros actores. Também por esta postura te admiramos profundamente. É bonito ver todo o teu percurso ao serviço da causa pública, queremos que sejas muito feliz nas tuas novas tarefas. Ninguém ousará esquecer o teu trabalho. Obrigado por seres uma eterna amiga desta terra, e minha também”.

Executivo e pelouros para o mandato 2021-2025

Com a continuidade do executivo de Manoel Batista, foram apenas redistribuídos os pelouros pelos Vereadores do Partido Socialista, assim como a reorganização dos nomes e caras que compõem a nova equipa que trabalhará no quadriénio 2021/2025.

eleição Municipal para o mandato 2021-2025

sessões do novo mandato



Em reunião ordinária de 14 de Outubro de 2021, o executivo distribuiu os pelouros pelos vereadores da seguinte forma:

Manoel Batista – Presidente da Câmara Municipal de Melgaço e responsável pelos pelouros da Cultura, Ação Social e Saúde e Desporto.

José Adriano Esteves Lima – Vice-presidente. Responsável pelos pelouros do Planeamento e Urbanismo, Economia e Turismo, Proteção Civil e Freguesias.

Maria de Fátima Sousa Táboas – Vereadora responsável pelos pelouros das Obras Públicas, Serviços Urbanos e Ambiente e Educação.

O executivo é composto ainda por vereadores sem pelouro: José Augusto Passos Rodrigo, Manuel Fernandes Ramos dos Santos, José Custódio Domingues e Sónia Maria Esteves Trancoso.

Composição da Mesa da Assembleia Municipal

Presidente: Maria de Fátima Esteves (PS)
1º Sect.: António Manuel Domingues (PS)
2º Sect.: Carla Sofia Domingues (PS)

Membros eleitos:

Maria de Fátima Teixeira Pereira Esteves (PS)
José Albano Esteves Domingues (PPD/PSD)
Manuel Luís Domingues Gonçalves (PS)
Pedro João Mendes de Sousa e Silva (PPD/PSD)
Carla Sofia de Sousa R. Domingues (PS)
Vitor Jorge Castro Rodrigues (PS)
Maria José Rodrigues Dias (PPD/PSD)
António Manuel Domingues (PS)
Manuel José Cardoso Rodrigues (PPD/PSD)
Catarina Aurora Rodrigues Mira (PS)

Vitor Sílvio Cardadeiro (PPD/PSD)
Paulo José de Castro Cerdeira Rodrigues (PS)
António José Gomes Nabeiro (PS)
Maria Aurora Soares Alves (PPD/PSD)
Alexandra Cláudia de Sousa Táboas (PS)
Augusto Manuel de Oliveira Pinto (PPD/PSD)
Tiago José Baleixo Lourenço (PS)
Manuel António Almeida (PS)
Francisco José da Cunha e Silva Reis Lima (PPD/PSD)
Fernanda Catarina Pereira Pinto Barbosa (PS)
Ariana Andreia Rodrigues Fernandes (PPD/PSD)

Membros por inerência: Presidentes das Juntas de Freguesia de Alvaredo, Couso, Cristóval, Fiães, Gave, Paderne, Penso, S. Paio e das Uniãos de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, Chaviães e Paços, Parada do Monte e Cubalhão, Prado e Remoães, Vila e Roussas





ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

www.adega-sabino.com

Breves

GRUPO ETNOGRÁFICO DA CASA DO POVO COMEMOROU 3º ANIVERSÁRIO E OFERECEU PRESENTE AOS BOMBEIROS



Na noite de 23 de Outubro, o Grupo Etnográfico da Casa do Povo de Melgaço festejou o seu 3º aniversário com espetáculo de animação na Casa da Cultura. Na primeira apresentação ao público após a paragem devido à pandemia, o evento revestiu-se de cariz solidário.

Durante o evento, forma recolhidos donativos para a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, alcançando desta forma um total de 232 euros, segundo informação da autarquia.

MAIS DE MEIA CENTENA NA 3ª EDIÇÃO DA INICIATIVA “CASTROS DE LEITURA – COGUMELOS MÁGICOS”



No dia 23 de Outubro, mais de meia centena de pessoas integrou a acção “Castros de Leitura – Cogumelos Mágicos”, promovida pelo polo da Biblioteca Municipal em Castro Laboreiro. A propósito da temática, os biólogos Pedro Sousa e Bruno Novo deram a conhecer as diferentes espécies de cogumelos existentes na região,



bem como conselhos sobre a apanha deste produto gastronómico de qualidade.

O objetivo foi sensibilizar para a valorização dos recursos micológicos de Castro Laboreiro e, ao mesmo tempo, promover os recursos turísticos, as paisagens e o património natural do concelho de Melgaço.

O projeto “Castros de Leitura” tem como propósito desenvolver naquela biblioteca e na aldeia diversas actividades ao longo do ano, de forma a mobilizar a sociedade para a importância do património e da cultura castreja, incentivando a participação da comunidade local.

JORNADA MEMÓRIA E ESPERANÇA NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MELGAÇO



No dia 22 de Outubro, os alunos do Agrupamento de Escolas de Melgaço formaram uma moldura

humana como forma de recordar as vítimas da Covid-19 e homenagear todos os que trabalharam e continuam a trabalhar no combate a esta pandemia. A comunidade escolar e a Vereadora da Educação, Fátima Táboas, em representação da autarquia, participaram na iniciativa designada Jornada Memória e Esperança, onde no final todos os presentes prestaram um minuto de silêncio.

REAL CONFRARIA DO VINHO ALVARINHO CELEBROU GEMINAÇÃO COM CONFRARIA ENOGASTRONÓMICA DA MADEIRA



No início de Outubro, uma comitiva da Real confraria do Vinho Alvarinho (RCVA) deslocou-se à Madeira para celebrar a geminação com a Confraria Enogastronómica da Madeira por altura do programa do seu Grande Capítulo e 20º aniversário.

Distanciadas por um oceano, mas unidas pelo propósito comum de promoção dos seus territórios, a geminação levada a efeito “representa um marco importante, pois além de permitir o estreitamento de laços confráricos, abre também portas para novos embaixadores do vinho Alvarinho nesta maravilhosa ilha”, considerou a RCVA, em comunicação publicada nas redes sociais.

No texto, a Real Confraria do ex-libris de Melgaço e monção agradeceu aos anfitriões madeirenses, ao produtor de vinhos da Madeira Octávio Ferraz “pela disponibilização das suas instalações e pela calorosa recepção” e aos produtores de Alvarinho de Monção e Melgaço que colaboraram nesta iniciativa com a disponibilização das garrafas que foram enviadas para a Madeira: Quinta de Soalheiro, Valados de Melgaço, Encosta da Capela, Reguengo de Melgaço, Quinta do Regueiro, Quinta do Mascanho, Anselmo Mendes, Casa de Midão, Quinta de Alderiz, Provam, Adega Cooperativa de Monção, Terras de Conclave; assim como à comitiva que se deslocou àquela ilha “pelo esforço pessoal e financeiro tido nesta logística, que contribuiu para engrandecer a nossa participação”.

Participaram desta representação na Madeira: Vítor Cardadeiro (Grão-Mestre e Mestre), Isabel Domingues (Cancelário Mor e Oficial), Manuel Augusto Castro (Mestre de Cerimónias), Abel Codesso (Oficial), João Gil Rodrigues (Enófilo), Carla Sofia Carpinteiro (Enófila) e Joaquim Silva Vianez (Enófilo).

VENDE-SE CAMPO NO LUGAR DO OUTEIRO

Em São Paio, mais concretamente no lugar do Outeiro, vende-se um campo cujo terreno tem capacidade construtiva. Tem uma área de 2.850 m² e fica à margem da estrada.

Tem água própria e mais 4 horas da levada do Escourido.

Belíssimas vistas e paisagens circundantes.

Contacto: 0033 683 866 281

VENDE-SE APARTAMENTO T3

Na Rua Dr. António Durães – Melgaço, no centro da Vila, T3 totalmente mobilado e equipado, com garagem e grande terraço, em muito bom estado de conservação.

Telemóvel 966 297 359

Vendem-se Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:

251 414 973 / 969623094

Memórias de um estudante de Coimbra

José António Barreto Nunes

A incrível e trágica história do chapéu de coco do pai da madrinha Cesaltina

A história que vou contar passou-se em Coimbra no já longínquo ano de 1966 e o autor destas linhas foi um dos seus protagonistas.

Tinha 17 anos de idade e chegara há poucos dias à cidade dos doutores para cursar Direito. Corria o mês de Outubro e preparava-me para enfrentar a terrível praxe académica.

Naquele tempo, a praxe fazia-se sentir logo a abrir o ano lectivo, com as famosas Latadas, que culminavam, no dia 25 de Novembro, com a Tomada da Bastilha, que era a data comemorativa da ocupação do Clube dos Lentes da Universidade pelos estudantes em 1920. No dia seguinte começava-se a estudar...

Os caloiros eram mobilizados pelas Repúblicas, onde compareciam devidamente mascarados e percorriam em cortejo as ruas da cidade alta em direcção à baixa. Havia então latadas de Medicina, Direito, Ciências, Letras e Farmácia.

Embora no meu ano “*não tivesse havido caloiros*”, como então diziam os que deixavam de o ser, o certo é que eu e centenas de primeiranistas fomos mobilizados para as latadas, com o fim de nos apresentarmos no dia marcado pela respectiva República, travestidos das mais diversas formas.

Acontece que, quando cheguei a Coimbra, fui viver para a ACM, antiga ACE (Associação Cristã da Mocidade/Estudantes), na Rua Alexandre Herculano, onde já vivia o meu irmão Henrique, os irmãos Brito, oriundos de Trancoso, e os irmãos Nora Leitão, de Pombal.

Nessa mesma casa, tinham vivido, cerca de trinta anos antes, Viriato Nunes (meu pai) e Alberto Gomes, que foi o primeiro internacional de futebol do Alto-Minho, ambos de Monção, Peseta, que era de Valença e César Machado de Viana do Castelo, todos futebolistas da Associação Académica de Coimbra, os monçanenses estudantes universitários e os dois últimos da Escola dos Regentes Agrícolas.

Muito próximo, no Bairro Sousa Pinto, entre as Repúblicas Ay-ó-Linda e Ninho dos Matulões, nas imediações das escadas monumentais, vivia uma senhora muito idosa, que era a madrinha do meu Pai, que mostro na foto que acompanha o texto. Chamava-se D. Cesaltina Pimenta, teria perto dos 90 anos de idade, era solteira e irmã do Coronel Belisário Pimenta, um prestigiado militar de Miranda do Corvo, do tempo da implantação da República. Dada a sua avançada idade e frágil saúde, a madrinha tinha por ama de companhia uma tal D. Aurora. Até então, teria estado com a madrinha, na companhia de meus pais, três ou quatro vezes, não mais.

Era uma senhora que nascera e vivera sempre em Coimbra, tendo sido amiga de infância e colega de estudos de minha avó paterna Lucinda de Campos Amaral Nunes, que era natural de Oliveira do Hospital. Ambas “*tocavam piano e falavam francês*”, como então se dizia daquelas meninas que tinham recebido uma educação esmerada. A madrinha Cesaltina sabia toda a história da Academia de Coimbra e vivia em função dos estudantes, das respectivas festas e do futebol da Académica que, com a conquista da 1.ª Taça de Portugal em 1939, marcara diversas gerações. Era assim a Coimbra daqueles tempos...

Como pessoa civilizada e educado que fui segundo os valores cristãos, logo que cheguei a Coimbra fui visitar a “madrinha”, como todos na família lhe chamávamos. Recebeu-me com muita alegria e ofereceu-me um lanche com chá e torradas. Como era muito amiga de meu Pai e porque lhe devo ter agradado logo à primeira vista, convidou-me para ir lanchar com ela todas as quintas-feiras, às cinco da tarde, numa espécie de *five o'clock tea*. Mas querendo ser ainda mais amiga, disse que queria emprestar-me o chapéu de coco que o seu pai tinha levado no dia do casamento, para eu o usar na primeira latada. Ora, como o chapéu de coco me ficava a matar, passe a imodéstia, e como era sempre difícil escolher uma vestimenta adequada às latadas, não tive quaisquer dúvidas em aceitar tão gentil oferta. E como o dito chapéu estava guardado há quase cem anos nos fundos de um velho baú com a demais vestimenta do falecido noivo, acabou por ser-me entregue com aquele cheiro tão marcante que só a naftalina manifesta.

Veio a primeira latada, que era a de Medicina, e lá fui com o dito chapéu de coco, novinho, quase a estrear, já que devia ter sido usado pelo noivo uma única vez. Com o avançar da latada e como o ambiente se propiciava, as bebidas correram abundantemente, como se pode ver de uma das fotos que junto, em que me apresen-

to com uma bata médica e *jeans*, bem abraçado a uma garrafa de um qualquer vinho martelado. A alegria era total e a confusão de tal ordem que, quando o cortejo descia a Rua Sá da Bandeira em direcção à baixa, um palerma de um “doutor” deu-me um amigável cachaço com tal falta de jeito que fez o chapéu de coco voar.

O que se seguiu foi trágico!

Quando o chapéu ia cair ao chão, um outro “doutor”, já muito entornado, vendo aquela espécie de bola a voar à sua frente atirou-lhe um fenomenal pontapé que o levou em novo voo muitos metros acima.

Como ainda estava lúcido, corri, desesperado, para o tentar apanhar, mas quando o agarro deparo com o coco rasgado de aba a aba.



Madrinha Cesaltina Pimenta



Peseta Alberto Gomes Viriato Nunes

Tão desgostoso fiquei, que a latada acabou para mim naquele preciso momento. Regressado a casa, pedi a uma empregada para ver se me cosia o pobre do chapéu. O resultado foi devastador, já que o remendo ficou pior do que antes do conserto, tal a falta de jeito da sopeira adaptada a costureira.

Acabei o dia desconsolado, sem saber como iria enfrentar a madrinha Cesaltina no nosso próximo *five o'clock tea* semanal.

No dia seguinte, dia de lanche, dirijo-me a casa dela. Recebe-me feliz, a velhinha, logo me perguntando se a latada tinha corrido bem e se o estimado chapéu de coco tinha feito sucesso. Disfarçando o embaraço, disse-lhe que todos e em especial as colegas o tinham apreciado imenso. Perguntou-me então por ele e porque não o tinha trazido de volta.

Com a agilidade própria de um futuro jurista, lá lhe disse que o sucesso fora tal que o pretendia levar nas latadas seguintes, ao que anuiu agradada.

Seguiram-se as restantes latadas, nas quais levei sempre o chapéu de coco, roto mas já cosido, nomeadamente a de Letras, na qual fui muito bem vestido, de batina e laço, com um estilo *very British*, na qual, perante grande séquito de meninas “doutoras”, o êxito foi total, para grande satisfação minha.

Ultrapassadas as latadas e a Tomada da Bastilha, os lanches com chá e torradas foram-se repetindo semanalmente, sempre com a pergunta habitual sobre o sucesso do chapéu de coco, ao que eu ia respondendo, cada vez mais preocupado, que as colegas o adoravam nos bailes das faculdades, que eram frequentes naquele tempo, pelo que lá me foi permitindo que dele continuasse a usufruir.

Chegou, porém, uma altura em que eu já não sabia como explicar-lhe o atraso na devolução do famigerado chapéu de coco.

Veio o Natal e suas férias; passou-se o ano e logo em Janeiro de 1967 regresso a Coimbra, preparado para dar à madrinha a terrível notícia da triste sorte do chapéu de coco do seu finado pai.

Chega a primeira quinta-feira do ano, seriam 12 horas, avisei-me da portaria da casa onde residia que tinha um telefonema. Vou atender e ouço a voz chorosa e tremeliquenta da D. Aurora a dizer-me, com muito custo: - “venha depressa que a madrinha partiu”.

Na minha ingenuidade, perguntei: - “Partiu? Partiu para onde?”; ao que ela respondeu numa segura lacrimajante: - “Morreu Sr. Dr., a madrinha morreu!”.

Confesso que perante o inesperado da notícia tive um imediato arrepio de tristeza pela pobre senhora, mas simultaneamente de alívio, já que, no meu incontrolável egoísmo, logo me veio a lembrança de que deixaria de ter de lhe dar uma explicação sobre o trágico destino do seu chapéu de coco.

Tão pesaroso fiquei, que me desloquei imediatamente a casa da madrinha e, como na altura os velórios eram feitos na própria casa de família, fiz o que nunca tinha feito e não mais voltei a

fazer, ou seja, ajudei a chorosa D. Aurora a vestir a pobre defunta, que já só tinha familiares distantes e eu, naquele tempo, era praticamente a única visita daquela casa. E mais ainda, passei a noite no velório da madrinha, sempre a ouvir aquela ladainha beatífica tão característica da época.

Mas o trágico-cómico da situação – autêntico humor negro – veio a seguir. Logo que me viu, a D. Aurora abraçou-se a mim e disse-me: - “Sr. Doutor [era assim que em Coimbra chamavam aos estudantes logo no 1º ano], pode ficar com o chapéu de coco, porque foi esse um dos últimos desejos da madrinha, que tanto gostava dele e de si...”.

Confesso a minha perplexidade! Mas, coitada da madrinha, que, quase moribunda, se lembrou do chapéu de coco de seu querido pai e daquele ingrato “afilhado” que não teve sequer coragem para lhe dizer a verdade.

Reparem no meu embaraço perante o acontecimento, sem saber se havia de mostrar um ar mais ou menos pesaroso, até porque era muito novo para enfrentar situações daquelas, e, afinal, a proximidade “familiar” com a madrinha não era assim tanta, embora a afectividade se tivesse vindo a acentuar nos últimos tempos.

Passado aquele período crítico, ainda conservei o chapéu de coco durante cerca de dois anos. Mas, no mês de Agosto de 1969, a meio da grave crise académica que assolou Coimbra, telefonaram-me da residência universitária onde então passara a viver, bem próxima da casa da falecida “madrinha”, para ir buscar os

meus pertences porque tinha sido expulso dela! Eu e tantos outros “despejados” fomos imediatamente a Coimbra recolher os nossos parcos haveres, que encontrámos embrulhados e abandonados numa trouxa à porta dessa casa. Infelizmente, apercebi-me que muitas dos meus pertences tinham desaparecido e, entre eles, o famigerado chapéu de coco, o qual teve esse triste fim depois de uma existência centenária.

É esta a incrível e trágica história de um jovem estudante, de uma velhinha que gostava de estudantes e, quase à maneira queirosiana, de uma “reliquia”, transmutada num chapéu de coco tão velho como Matusalém, que me tinha sido generosamente emprestado e que acabei por herdar e perder nas circunstâncias profusa e profundamente lamentáveis acabadas de descrever.

Permitam-me concluir com uma pergunta: Que fariam no meu lugar? Ficavam tristes e pesarosos ou relativamente agradados com o finar da infeliz madrinha? Ou um misto desses dois sentimentos?

Nota: escrevo como aprendi.
Braga, 5 de Outubro de 2021



Casa da Madrinha Cesaltina no Bairro Sousa Pinto em Coimbra



Festa do Espumante volta ao Largo do Mercado de 26 a 28 de Novembro e haverá “mais produtores do que em 2019” para visitar neste regresso

João Martinho



As provas de espumantes, os restaurantes, os produtos regionais e os *showcookings* estão novamente na programação da edição de 2021 da Festa do Espumante de Melgaço e a motivação dos agentes locais é redobrada.

Com o plano de desconfinamento em curso e se não houver alterações que agravem a situação pandémica, Melgaço inaugurará com um dos seus grandes eventos festivos o regresso à normalidade da sua agenda de promoção gastronómica e cultural.

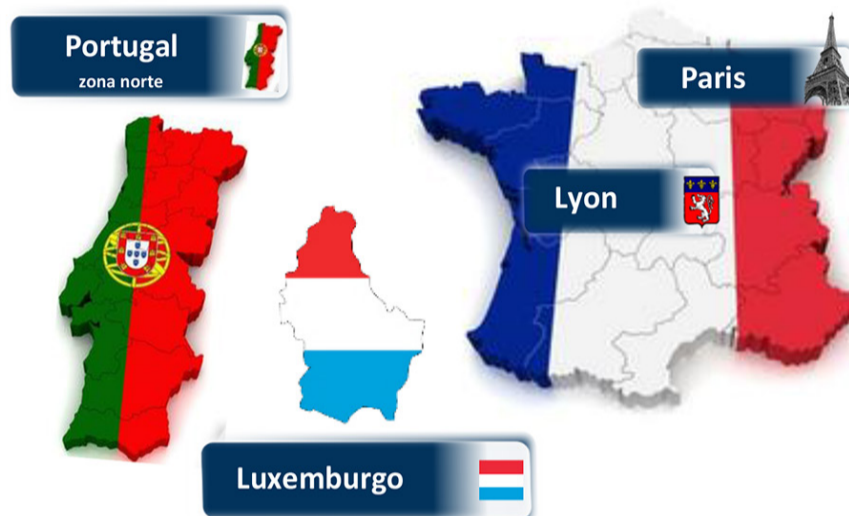
Nos dias 26, 27 e 28 de Novembro, a tenda transparente volta ao Largo

do Mercado (Largo da Feira), nas dimensões e moldes que consolidaram o evento que soma seis anos de história e cinco edições em crescendo de entusiasmo dos produtores dos espumosos da sub-região Monção/Melgaço.

“Teremos mais produtores do que em 2019”, assegura o edil de Melgaço, Manoel Batista, verificando que “a apetência dos produtores para estarem presentes na festa aumenta, eles percebem o valor que a festa tem. Há até mais alguns produtores de Monção a quererem estar presentes”, notou.



LINHAS INTERNACIONAIS



Barquense

(+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT Nº 1849

SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL

INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT



Consultoria

Rigor, confiança e profissionalismo são epítetos que norteiam a nossa postura no mercado.

Prestamos consultoria nas áreas de:

- Imobiliária;
- Contabilidade;
- Tecnologias de Informação.

A nossa missão como consultores é auxiliá-lo na tomada de decisões e a optar pela melhor solução.

Os nossos profissionais, tendo em conta a sua experiência e qualificação, estão aptos a participar de forma proactiva nos projetos empregando disciplina, organização e transparência necessária para assegurar a conclusão dentro do tempo e limites orçamentados.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço

R. Dr. António Durães, n.º65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Monção

Rua D. Afonso Henriques, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-854 Monção
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Venda | Terrenos

Terreno para construção em Roussas
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo, Portugal
43.000€
Ref.: 00179

Terreno para construção com cerca de 800m². Fácil acesso e boa localização, a 5 minutos da zona centro de Melgaço.



Venda | Terrenos

Terreno em Chaviães
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo, Portugal
60.000€
Ref.: 01576

Terreno com cerca de 7.000m² de área, sendo 2.000m² com aptidão construtiva. Possui água própria, bons acessos e localiza-se a 5 minutos do centro da Vila de Melgaço.



Venda | Apartamentos

Apartamento T2 em Braga
São Vitor, Braga, Portugal
145.000€
Ref.: 01489

Apartamento com 101 m² de área útil. Esta residência possui uma suite, um quarto, uma casa de banho comum e a cozinha está totalmente equipada. Detém caixilharia em alumínio com vidro duplo, garagem, terraço e lareira.



Venda | Apartamentos

Apartamento T2 na Vila, Poço de Santiago
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo, Portugal
105.000€
Ref.: 01019

Apartamento com 77 m² de área útil. Possui dois quartos, uma casa de banho, sala de estar e cozinha equipada. Dispõe de aquecimento elétrico, varanda, um lugar de estacionamento e uma divisão fechada para arrumos na garagem.



Venda | Apartamentos

Apartamento T3 em Vila e Roussas
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo, Portugal
110.000€
Ref.: 01086

Apartamento em bom estado com 99 m² de área útil. Possui três quartos, duas casas de banho, cozinha totalmente equipada e caixilharia em alumínio com vidro simples. Detém, ainda, uma garagem individual fechada com 25m².



Venda | Moradias

Moradia V3 em Paderne
Paderne, Melgaço, Viana do Castelo, Portugal
95.000€
Ref.: 01642

Moradia em bom estado, com 73 m² de área útil. Esta residência possui no rés do chão uma antiga adega e zona de arrumos. No primeiro andar detém três quartos, uma casa de banho, sala de estar e cozinha equipada.



Venda | Moradias

Moradia em Prado com terreno
Prado e Remoães, Melgaço, Viana do Castelo, Portugal
40.000€
Ref.: 01636

Moradia V1 em bom estado mais terreno de cultivo, com um total de 330 m² de área total do lote e 171 m² de área bruta de construção. Esta residência possui um quarto, uma casa de banho, sala de estar e a cozinha está equipada.



Venda | Moradias

Moradia e terreno de 1ha em Barbeita
Barbeita, Monção, Viana do Castelo, Portugal
175.000€
Ref.: 01635

Moradia V3 com 106 m² de área útil de construção. Possui cozinha equipada, sala de estar, três quartos, uma casa de banho, espaço para arrumos e garagem. Terreno com direitos de plantação.





A capela de Nossa Senhora do Amparo (Barral - São Paio e Paderne)

O lugar do Barral reparte-se entre as freguesias de São Paio e Paderne que, em tempos muito antigos, eram uma só. Neste lugar existe a capela de Nossa Senhora do Amparo que é de fundação de particulares em meados do século XVII, tendo sido doada por Sebastião Álvares Mogueimes e sua esposa, Maria Vaz, moradores neste lugar do Barral, na parte que pertencia ao então Couto do Mosteiro de Paderne. Tal doação foi formalizada em 8 de Junho de 1648 e consta num documento (Título de Doação) no Arquivo da Mitra Arquiepiscopal de Braga.

Nos seus primórdios, esta capela era de invocação a São Sebastião e ainda aparece assim designada na segunda metade do século XVIII, ainda que, por esta altura, por vezes, já seja denominada como “Capela de Nossa Senhora do Amparo”. Disso exemplo, são as Memórias Paroquiais de 1758 da paróquia de São Paio. No dito manuscrito, o Padre Domingos Gomes, pároco da freguesia à época, em 6 de Maio do dito ano, no rol das capelas de São Paio cita a “... a **Senhora do Amparo sita no lugar do Barral...**” administrada à época por Manuel Gonçalves, morador no lugar do Barral, juntamente com o Doutor Miguel Gomes de Abreu, da freguesia de Paderne, Diogo Álvares, residente no lugar do Granjão e Domingos Álvares, morador no Barral. O pároco acrescenta que “**não há romagens nella...**”, referindo-se a esta e às outras capelas da freguesia.

Na segunda metade do século XVIII, esta capela aparece-nos ainda com a invocação a São Sebastião, e vai nos surgir associada à fundação de uma capela de missas. Assim, no dia 26 de Fevereiro de 1768, no lugar da Serra de Prado perante um tabelião de notas o capitão de infantaria auxiliar do termo de Coura, Inácio Pinheiro e São Payo, morador na sua Quinta do Barral, couto do mosteiro do Salvador de Paderne e termo da vila de Valadares, “pessoa de nobreza herdada como he notorio” conforme afirmou àquele funcionário de notas, reuniu-se com Rosa Maria Pinheiro, solteira, maior de vinte e cinco anos e filha do legítimo casamento de Pedro de Freitas e mulher Maria Pinheiro, moradores no lugar da Carpinteira, da freguesia de São Paio, no termo de Melgaço.

O tabelião redigiu uma escritura cujo teor, mais ou menos, é este: O capitão Inácio fora sempre solteiro e não tinha herdeiros forçosos para seus bens herdarem. Com o favor de Deus, agenciara quinze mil cruzados em

bens de raiz, casas e dinheiros a juro, como aliás tudo constava do livro Razão encadernado em pasta, numerado, por ele rubricado e com termos de abertura e encerramento e ainda de um outro que usava como Diário.

Ora, dos quinze mil cruzados, reservava ele quatro mil para testar e com os onze mil restantes mais o possível remanescente daquela reserva e com tudo o mais que em sua vida ainda adquirisse constituía ele



um vínculo com forma e validade de capela perpétua e permanente enquanto o mundo durar.

Como encargos impôs-lhe missas rezadas por sua alma na Capela de São Sebastião sita no lugar do Barral, anualmente e no próprio dia da comemoração pela Igreja: três em dia de Natal, uma à Senhora do Amparo, outra ao Mártir S. Sebastião, outra a Santo Inácio de Loiola e por fim uma a São João Evangelista.

Para primeira administradora deste vínculo de capela, o outorgante escolheu e nomeou a sua sobrinha Rosa Maria Pinheiro, moça solteira, que vivia em sua companhia.

Se, contudo, não tomasse estado ou não alcançasse filhos de legítimo matrimónio, a administração desta capela passaria para sua irmã mais nova, Isabel Pinheiro ou para seus filhos, se os tivesse de legítimo matrimónio. Se esta não tivesse, em tal caso a referida administração passaria para o seu afilhado Manuel Joaquim, filho legítimo de seu irmão Sebastião Pinheiro, morador na Rasa, de S. Paio, mas se acaso ele falecesse

e não houvesse filhos seus de legítimo matrimónio, a administração da capela iria para o herdeiro mais próximo do instituidor, com preferência do mais velho ao mais novo e do varão à fêmea.

Excluía da sucessão neste vínculo os eclesiásticos, os bastardos, os mal procedidos, os casados com pessoa de infecta nação, quantos cometessem crime de Lesa Majestade divina ou humana e quem por qualquer via, forma ou modo se obrigasse a fiança alguma.

E acabava por impor aos administradores, que quando danificassem as casas do vínculo, eles as retificassem, reconstruissem ou concertassem à custa de seus próprios bens.

Nessa altura, os bens encapelados pelo capitão foram avaliados em quatro contos quinhentos e quatro mil e setecentos e cinquenta réis.

Depois, no testamento feito em 3 de Abril e aprovado em 13 de Maio de 1782, mas só aberto em 2 de Dezembro de 1786, o militar acrescentou mais uma norma para se reger a administração do vínculo e anexou à capela outros bens, quase só dignos de figurarem num caso destes pelo valor estimativo.

A verba da administração, a verba agora estabelecida aplicar-se-ia apenas quando se verificasse a extinção da descendência dos administradores. Em tal caso, seriam chamados os descendentes dos pais do testador, Gonçalo Pinheiro e Maria Gomes, da Casa de Santo André, sita na freguesia de S. Paio de Melgaço com a prelação do mais velho ao mais novo e do varão à fêmea, excluía a linha reta por modo que passe à transversal e a todos com os mesmos encargos, penas, cláusulas e condições declaradas na escritura de instituição. Refira-se que da Casa de Santo André, provem o padre Domingos Gomes, pároco de São Paio, e fundador da “nova capela” de Santo André. Aquele mandou, na década de 40 do século XVIII, demolir a velha capela e mandou erguer uma nova ermida.

Os bens anexados, afora a parte térrea da “Casa do Forno” separada como estava para dar agasalho aos trabalhadores, tinham valor estimativo apenas e esse mesmo era-lhe atribuído pelo dono nestas palavras: “Declaro que uno e anexo a este vínculo e capela o meu oratório com a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo em o altar de marfim e as imagens de Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista e Santo António.

Recomendo e mando mais aos administradores deste vínculo conservem o oratório com a decência com que o tenho e venerem as imagens com todo o culto que se lhes deve e assim mais anexo e vinculo seis colheres e seis garfos de prata e seis facas com cabos da mesma prata.”

Por fim, nomeou herdeira de todos os seus bens, onde quer que aparecessem, a sobrinha Rosa Maria, mas os bens passariam para seu filho Manuel António Pinheiro Gomes, quando ela morresse.

Temos ainda notícia desta capela em inícios do século XX. Esta capela de Nossa Senhora do Amparo é referida em 1913 no rol dos bens da Igreja, e é descrita como possuindo “um adro, uma sineta, um altar com três imagens, um terço, um véu de ombros, um palio com as respetivas varas, cinco casulas de diferentes cores, vinte e duas toalhas de linho, uma estola, uma custódia de metal dourada, dois missais usados, uma cruz de prata e varas do mesmo metal, uma coroa de prata da Senhora do Rosário, uma opa de seda, seis opas usadas, três pendões e uma bandeira e vinte e sete peças de cortinados”.

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676



Funerárias
Vilarinho | Orquídea



Internacional Funerária,
Funerais, Atendimento 24h,
Serviço Internacional,
Exumação e Transladações,
Serviço Cemiterial · Serviço Floral

LARGO HERMENEGILDO SOLHEIRO
LARGO LOJA NOVA N°42 R/C - MELGAÇO
251402118 / 916592728 251402490 / 965044352



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Ocaso da Vida e Rituais da Saudade

José Rodrigues Lima

Entra viajante, ajoelha e ora
Aqui encontram consolação os vivos
Aqui terão descanso os mortos
Vai corre para a eternidade
E prepara no tempo a tua
vida de além campa
O crentes como vós
No intimo do peito
Abrigo a mesma crença e
Guarda o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o
Olhar humano é estrito
Creio que Deus é eterno
E que a alma é imortal

Guerra Junqueiro

sentir sobre nós/os gestos protetores/dos antepassados/A sua bênção.”

A consciência da morte abre as portas do simbólico da fantasia e do imaginário com apelos ao inconsciente coletivo. Fustel de Coulanges afirmou que uma família era um grupo de pessoas às quais a religião permite invocar o lar e oferecer o mesmo banquete fúnebre aos antepassados.

Testemunhos - A Lapa dos Defuntos

Desde o sítio de Cevide, em S. Gregório – Melgaço, onde se encontra um nicho das alminhas, mesmo onde o afluente Trancoso desagua o rio Minho, até ao planalto de Castro Laboreiro, onde o seu conjunto dolménico expressivo, e atravessando litoral minhoto, encontramos o dólmen da Barrosa e a mamoa da Eireira, bem

é vivido de modo empobrecido e raquítico. Quando nos últimos instantes de um ser humano ou no seu funeral faltam “os gestos, as palavras” que procuram dar um sentido a contar para lá do visível. Quem algum dia participou num funeral em que não houve o mínimo rito – nem sequer uma palavra – experienciou o que é a morte em toda a sua espessura opaca, breu e inumanidade. A situação de incómodo e desconforto até à frustração é vivida quando, por exemplo, devido a uma catástrofe, nem sequer o cadáver do familiar ou do amigo aparece, para uma homenagem última de despedida.

O ocaso da vida... e depois? É uma expressão feliz “no ocaso da vida”. Afinal quando o sol cai no horizonte, do lado de cá, é noite, mas, do outro lado, nasce um novo dia. O que se quer sublinhar é que, na morte, fica sempre uma abertura para o mistério, para a nossa



Os monumentos funerários são testemunhos do culto dos antepassados no espaço dos vivos desde tempos imemoriais.

As fotografias familiares reforçam a saudade dos que partiram: “Olha aqui o bisavô ou a avó estimada”, e a conversa segue com recordações felizes.

A solidariedade que se estabelece numa comunidade, quando se anuncia o falecimento de alguém, novo ou idoso, é significativa. A mobilidade social é uma realidade aquando do velório, o funeral e as missas pelas almas dos falecidos. Aliás, as ofertas em honra dos mortos, a encomendação das almas, a celebração do “cabo d’ ano”, influência da Galiza em terras do Alto Minho, o milho para as almas, a reza anual, as procissões ao cemitério, a cerimónia do “acendimento” na igreja paroquial de Castro Laboreiro e das obras noutras localidades, no domingo seguinte ao falecimento de alguém, são testemunhos eloquentes de que “os mortos pertencem aos vivos, conforme expressão popular.

O Padre Aníbal Rodrigues, pároco de Castro Laboreiro, registou o cerimonial do acendimento como contributo para a cultura castreja.

Algumas destas tradições foram-se perdendo numa sociedade em mudança.

Por iniciativa de Santo Odilão, abade de Cluny, França (994-1049) é que se instaurou e fixou o dia 2 de Novembro a comemoração de Todos os Fiéis Defuntos. O Santo Abade ordenou que se celebrasse em todos os Mosteiros da Ordem o que aconteceu pela primeira vez em 2 de Novembro no ano de 998. E o foi a partir de lá que se difundiu muito rapidamente por toda a igreja latina.

Livro “Cicatriz”

A poetisa Teresa Rita Lopes escreveu, no seu livro “Cicatriz” que “o cemitério é lindo/na espuma de asseio/qual salinha de estar”.

O signo linguístico cemitério, conforme a origem do grego significa “dormitório”, e por derivação dos povos germânicos terá o significado de “jardim da igreja”. A referida literata acrescenta ainda; “desde que sento à minha mesa /mais mortos do que vivos/percebo a necessidade dos antigos/de imaginar, os deuses lares/de

como a pedra do repouso em Cardielos, constituindo testemunhos significativos do culto dos mortos.

Nas terras do Soajo são referências do culto aos antepassados o dólmen do Mezio, a Lapa dos Defuntos na Portela do Galo, e o monte da freguesia da Ermida na Serra Amarela.

No Lindoso localiza-se o penedo do descanso, ponto de paragem do cortejo fúnebre. Merece referência, ainda, “A cadeia da saudade”, utilizada na zona ribeira da cidade de Viana do Castelo.

O culto dos mortos é uma constante no Noroeste Peninsular, e tem merecido a investigação de José Mattoso, Pina Cabral, Marcial Gondar, Lison Tolosana, Mandianes de Castro, V. Risco, Taboada, Xivite, A. Fragas Fragas, Patrícia Galdey, Brian O’Neill, Margarida Durães, Gabriela Oliveira, Constantino Cabral, Clara Saraiva, Marino Ferro, Xosé Rego, entre outros.

Nas sociedades arcaicas, como refere F. Maria, os homens temiam o contágio da morte, simbolizada pela decomposição do cadáver, procurando evitá-la, ou apressá-la através de rituais e práticas funerárias que simultaneamente exprimem a angústia da morte e a aspiração à imortalidade.

Os símbolos da morte, a iconografia, as manifestações funerárias, os rituais em honra dos antepassados, fazem parte do quotidiano das populações, e apresentam uma diversidade antropológica e histórica.

Manancial abundante sobre a demografia histórica e a antropologia são os registos paroquiais, incluindo os livros das confrarias das almas, tão arreigadas no Alto Minho. Fazendo uma análise sobre a documentação referida, constatamos abundante informação e doutrinação sobre a morte. “lembra-te da morte e não pecarás”; “Lembra-te homem que és pó. E em pó hás-de tornar-te”; “a vida muda-se, não acaba”. Mesmo assim, é de referir a persistência de alguns ritos pagãos. Nos atos mais solenes dos “vivos”, e a decorrer no calendário anual. O “mortos” estão presentes.

Rituais funerários

Em todas as culturas há rituais funerários. Porque no rito dá-se um sentido à própria morte. Onde o ritual não existe ou é pobre, não há humanidade ou o Homem

dimensão celeste a que virá chamar-se a “Ressurreição” (Anselmo Borges, “Corpo e Transcendência”, 2011)

Perspetiva Antropológica

Segundo Mircea Eliade, a agricultura, como técnica profana e como forma de culto, encontra o mundo dos mortos em dois planos distintos. O primeiro é a solidariedade com a terra; os mortos como sementes, são enterrados, penetrando na dimensão clónica só a eles acessível. Por outro lado, a agricultura é, por excelência, uma técnica de fertilidade, da vida que se reproduz multiplicando-se, os mortos são particularmente atraídos por este mistério do renascimento.

Semelhantes às sementes enterradas na matriz telúrica, os mortos esperam o seu regresso à vida sob uma nova forma. É por isso que eles se aproximam dos vivos, sobretudo nos momentos em que a tensão vital das comunidades atinge o seu máximo, quer dizer, nas festas chamadas da fertilidade, quando as forças da natureza e do grupo humano são evocadas, desencadeadas e exacerbadas por ritos.

As almas dos mortos estão sedentas de plenitude biológica, de excesso orgânico, pois este transbordamento vital, compensa a pobreza da sua substância, e projeta-nos numa corrente impetuosa de virtualidades e de gérmenes. M. Eliade acrescenta, ainda, que o festim coletivo representa justamente esta concepção de energia vital, com todos os excessos que implica é, pois, indispensável, tanto para as festas agrícolas como para a comemoração dos mortos. Outrora, os banquetes tinham lugar perto dos próprios túmulos, para que o defunto pudesse participar do excedente vital desencadeado perto dele.

Citando alguns casos, aquele investigador refere que na Índia, o feijão era uma oferenda levada aos mortos. Na China, o leito conjugal encontrava-se no canto sombrio da casa, no sítio onde se conservavam as sementes, e por cima do lugar onde enterravam os mortos.

A ligação entre os antepassados, as colheitas e a sexualidade é tão estreita, que os cultos funerários, agrários e genéticos se interpenetram, às vezes, até à sua completa fusão. Nos povos nórdicos, o Natal (Jul) era a festa dos mortos e ao mesmo tempo, uma exalta-

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

ção de fertilidade e da vida. É no Natal que se realizam banquetes copiosos, e muitas vezes, se celebram os casamentos e se cuida dos túmulos.

Os mortos regressam nesses dias para tomarem parte nos ritos de fertilidade dos vivos. Na Suécia, a mulher guardava no baú do dote um pedaço de bolo de casamento para o levar consigo para a cova. Da mesma forma, tanto nos países nórdicos como na China, as mulheres são amortalhadas nos vestidos de noivas.

Rituais na Várzea

Entre nós, e bem localizada na povoação da Várzea, aldeia do Soajo, mesmo junto da raia portuguesa e galega, ainda há pouco tempo se conservava o costume referido por Mircea Eliade, pois o vestido de noiva acompanhava a defunta para a cova. Noutras localidades, também na noite de Ceia de Natal, os lugares à mesa contam sempre com o falecido ou falecida na-

regulando o enterro dos “irmãos”, diz que os sapatos do confrade morto ficariam “para o campaneiro”. Nestas confrarias ou irmandades, o campaneiro era o que avisava para o enterro, tocando a campainha pelas ruas, competindo-lhe essa gratificação. Na Escócia este costume está materializado em superstição. O escritor Watter Scott relata nos “Cantos Populares da Escócia” uma canção, a ser executada diante da pessoa falecida, e acompanha-a com esta notícia extraída de um manuscrito; “acredita-se que é bom dar uma vez na vida um par de sapatos a um pobre, porque após a morte, o defunto é obrigado a passar descalço através da sua grande braseira, cheia de espinhos, a não ser que pelos muitos méritos da esmola indicada, se resgate dessa penitência. À margem da braseira aparece um velho e entrega os mesmos sapatos, que em vida lhe foram oferecidos. Assim, calcando-os, o benemérito poderá com eles atravessar os sítios mais ásperos. Em algumas zo-

se o sentimento e as emoções com rituais e silêncios respeitosos.

Os aromas dos círios acesos e da lamparina de azeite, os sons pesados dos sinos e os tons de arte floral criam um ambiente de grande comunhão entre os presentes e os ausentes.

Assim, constatamos que uma das marcas culturais da nossa memória coletiva, é o culto dos antepassados no espaço dos vivos.

Os nichos das alminhas necessitam de revitalização, pois são importantes no âmbito do património cultural, merecem o devido relevo pelo seu significado e originalidade, e testemunhos de sufrágios às benditas almas.

Através do tempo, os homens de fé tradicional tiravam o chapéu ao passar na frente desses monumentos, repletos de emoções saudosas, e muitas vezes surgia uma prece sentida.



quele ano, colocando as famílias pratos e talheres, para os que já partiram, como se estivessem em comunhão física. Em tempos praticou-se o costume de se dormir na cozinha, sobre a palha, na noite de natal, deixando as camas desocupadas para que “os antepassados” que comparecessem, se pudessem deitar e dormir na cama, conforme refere E. Verga de Oliveira.

A mesa fica com comida, pois durante a noite, os antepassados vem associar-se à festa dos vivos. Aliás, faz parte da estrutura cultural desta zona do Ocidente, a comunhão com os antepassados sendo de sublinhar a Costa da Morte (Galiza).

Comunhão com os Antigos

Procurando estar de acordo com o investigador Carlos A. Ferreira de Almeida, os castrejos depois de incinerarem os mortos, colocavam as suas cinzas dentro ou ao lado das suas casas de habitação. Uma sociedade consanguínea que não dispensa a comunhão com os antigos.

O interesse que os mortos da família e o culto das almas têm nesta zona, nos tempos modernos, e de que uma das mais originais expressões é a dos nichos das alminhas, tem assim longínquos antecedentes.

Conforme explica Teófilo Braga no livro “O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições”, a expressão sapatos de defunto está relacionada com o compromisso duma confraria de Coimbra (1835), que

nas do país, ainda se conserva a expressão: “quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço”

Relações Sociais

O antropólogo galego Martino Ferro, procedeu a uma recolha exaustiva da tradição oral, narrando as aparições dos mortos, registando o medo que produzem, e as relações entre vivos e mortos.

O referido antropólogo conclui que aquelas narrativas são uma criação cultural estimável, pois atenuam a angústia perante a morte, transmitindo normas básicas para a convivência e reforçando as relações sociais. A criação cultural depende dum lugar e dum momento histórico.

Da Teologia à Ate Floral

No Alto Minho registamos, ainda, o canto às almas e o toque dos sinos pelas almas benditas, bem como os nichos da alminha que se encontram ao lado dos caminhos.

Os vivos fazem penitência caminhando a um santuário. Os mortos são os romeiros do além que tem de purificar-se para chegarem limpos ao “santuário”

Percorrendo os cemitérios, “jardins da saudade” podemos afirmar que são também espaços culturais onde encontramos símbolos da teologia da esperança, manifestações da arte funerária, fotografias retiradas dos álbuns familiares, poemas de carinho, testemunhando-

Bibliografia

- Ariés, Philipe e Duby Georges. História da Vida Privada, 5º vol. - Porto Ed. Afrontamento 1991. Essais sur L'histoire de la Morte n Occident de Moyer âge à nous jours Ed. Souil, Col. Points de Histoire 1975.
- Arquivo Paroquial de Chaviães – Melgaço.
- Arquivo da Real Confraria do espírito santo de Paredes de Coura.
- Braga, Teófilo – O Povo Português na sua crença, costumes, volume 1 – Lisboa, D. Quixote, 1985.
- Borges, Anselmo, “Corpo e Transcendência”, 2011.
- Cabral, João Pina – Os Cultos da morte no Noroeste de Portugal. In “A morte no Portugal Contemporâneo” trad. Ana Falcão Bastos e José Moura Carvalho, Lisboa, Quero 1985.
- Duby Georges, O Purgatório, Lisboa, Editorial Estampa – 1992.
- Eliade, Mírea – Tratado da História das Religiões, Lisboa – Ed. Cosmos 1970.
- Ferro, xosé Romon Marino, Aparicion e Santa Companys, Vigo, Edicions Quamio 1995.
- Gonçalves, Flávio “Os painéis do purgatório e a origem das alminhas populares” in Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos 1959.
- Le Roy, Ladurie, (Em-Manuel) L'Annuer et la Morten Pay d'oc., Ed. Gal-Limard, Paris 1980.
- Queirós, Francisco, “O cemitério de Viana do Castelo”, CMVC, 2017.
- Matos, Sebastião José de Sá Matos, “Alminhas e cruzeiros de Barcelos”, 1994.

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO



#És Cura | N°4: A maturidade de receber o Outono nas nossas vidas

Gosto particularmente desta altura do ano em que já celebramos o Outono!

A luz ganha um brilho diferente, apesar de sentirmos os dias a mingarem a passos largos.

Gosto da sensação de já precisarmos de algum agasalho para nos aconchegar quando o vento traz a promessa do inverno [bem mais lá para a frente]. E gosto desta paleta de cores que invade a minha amada natureza [e que tantas vezes nem damos por ela, até que os galhos das árvores fiquem despidos para receber as neves brancas].

Gosto especialmente deste mês, por ter a bênção das colheitas.

Crescendo num concelho onde a agricultura sempre esteve presente, as rotinas da ruralidade dizem-me muito.

E é precisamente agora, em que se acaba de colher o que ainda está na terra, que se celebra o resultado de todo um processo bem oleado chamado trabalho! É quase como se recebêssemos os prémios por todo um ciclo que foi encetado há meses.

Os frutos vão sendo recolhidos dos campos: as adegas recebem o vinho que as uvas proporcionam, as espigas já fazem monte nos canastos, as árvores dão frutos que muitas pessoas convertem em doces, marmeladas e compotas. E saboreamos a abundância.

Isto é uma bela metáfora para a nossa existência.

Não poderemos colher o que não semeamos e não cuidamos... E também não podemos semear cebolas, esperando colher batatas. Esta consciência é essencial para que possamos orientar a nossa vida com expectativas mais claras daquilo que vamos recebendo como retribuição de algo [e não me refiro apenas aos aspectos materiais e económicos, mas a todos os retornos que vamos tendo, incluindo os emocionais e os relacionais].

A vida é algo mágico, e cada um de nós é um jardineiro, um agricultor, um semeador de magia. Por isso, temos que criar espaço no nosso dia-a-dia [preenchido com o que quer que seja a que dedicamos nosso tempo e a nossa energia] para:

- Escolher as boas sementes,
- Conhecer as necessidades do nosso plantio,
- Olhar para os recursos que temos e garantir que conseguimos ter disponíveis os outros que possam fazer falta;
- Respeitar os tempos em que cada acção tem que ser posta em prática;
- Saber quando e como intervir no sentido de atenuar e/ou corrigir a interferência de factores externos que não estariam previstos e que não são positivos para os frutos que quero colher,
- Reconhecer quando os frutos estão no ponto de maturação ideal para aproveitar o melhor que eles têm para nos oferecer.

E depois de tudo isto, devemos também criar espaço para agradecer por tudo o que alcançamos com este ciclo incrível, desde a decisão de cultivar algo, até ao momento de receber os benefícios!

Só com todos estes passos preparamos, verdadeiramente, o sucesso desta empreitada [seja o cultivo de alguma coisa, ou a própria vida].

É maravilhoso receber proveitos, mas nunca podemos esquecer que eles são consonantes com toda a dedicação e entrega a um processo que exige tanto de nós.

Os resultados, para serem alcançados, precisam de trabalho [e de acções concretas e organizadas]. E todo o investimento que fazemos e toda a dedicação que pomos em algo [e que pode até nem gerar o que desejamos ou gostaríamos, por tudo o que pode interferir nesta equação], será o que vai permitir encher os celeiros da nossa vida.

Façamos este exercício de receber o Outono nas nossas vidas, percebendo toda a riqueza que ele nos traz.

Tudo é um ciclo. Na natureza e em cada um de nós.

Aproveitemos o melhor de cada fase!

Com carinho

História De'vida: Alice Alves e um gosto natural pelo trabalho na viticultura

José Rodrigues*

Alice Alves, de 84 anos, natural de Beleco, lugar da União de Freguesias de Chaviães e Paços (Melgaço) contou-nos a sua história de trabalho árduo do campo, desde tenra idade. Quando tinha apenas 5 anos, começou a ir com os irmãos para o campo, cortar erva e carregá-la.

O seu pai ia trabalhar para Castro Laboreiro durante toda a semana e deixava as tarefas para ela e os irmãos realizarem durante a semana. Chegado o fim-de-semana, ele próprio ia verificar se as mesmas estavam feitas ao seu agrado, caso contrário seriam todos repreendidos.

Foi aí que começou a trabalhar nas vinhas. Afirma que era o trabalho que mais gostava de fazer. Desde sulfatar a vinha até à vindima, era Alice a responsável pela realização dessas tarefas. Considerava o período das vindimas um tempo de alegria e convívio. Quando chegava esta altura do ano, os vizinhos juntavam-se todos e iam ajudar-se uns aos outros.

A viticultura, afirma a D. Alice, é um trabalho que leva quase um ano a preparar. Começa-se por podar a vinha, no final do ano, e assim preparar a vinha para o ano seguinte. Durante o decorrer desse ano de cuidados, era preciso sulfatar (mais precisamente, desde o início de maio), um processo que hoje é diferente. No seu tempo de labores tinham de derreter o sulfato, misturar com cal e "enxofrar a vinha para que as uvas não fossem estragadas pelas pestes". Com esses cuidados, e apesar de não ter campos próprios para cultivo, tratava de vinhas que outras pessoas não queriam e colhia sempre três pipas de vinho por ano.

Durante a sua vida, trabalhou como jornalista, para poder sustentar os seus oito filhos, fruto de uma rela-




ção que começou aos vinte e seis anos. O seu marido, que trabalhava nas obras, como nem sempre podia ir trabalhar devido às condições meteorológicas, teve de se dedicar a trabalhar os campos que lhes emprestavam para ter de comer para os seus filhos.

Hoje, vive sozinha em Merelhe e continua a fazer tudo como dantes, desde a poda até à vindima. Após a vindima, coloca as uvas na 'tinalha' e pisa-as de manhã e à noite.

Depois de o vinho 'ferver' (fermentar), muda-o para uma pipa. Tradicionalmente, no fim desse processo, ainda costumava fazer aguardente com o bagaço. Tinha de pedir o alambique emprestado. Agora, com o trabalho que implicava e o pouco bagaço que tem para tal, já não faz. Atualmente, como não bebe álcool, só utiliza o vinho que produz para fazer a sua comida.

* Coordenador CLDS-4G Melgaço



CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao disposto no nº 2, da alínea c) do artigo 22º do Compromisso, eu, Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, convoco todos os Irmãos para uma reunião ordinária da Assembleia-Geral, que terá lugar, na Casa da Cultura de Melgaço, sito na Avenida Salgueiro Maia, pelas 14,30 horas do dia 27 de Novembro de 2021, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º - Leitura e aprovação da ata da reunião anterior;
- 2.º - Apreciação, discussão e aprovação do Plano de Atividades e Orçamento, de Exploração Previsional e Investimentos para o ano de 2022;
- 3.º - Outros assuntos.

Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

Melgaço, 27 de Outubro de 2021.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

(Aprígio Manuel da Costa)

NOTA: É OBRIGATÓRIO O USO DE MÁSCARA, DESINFECÇÃO DE MÃOS.

"Desejos a uma lâmpada com pé de barro" - Direito de resposta

Muitas vezes a frustração que advém da quebra de expectativas tira-nos a capacidade de discernimento para analisar com objectividade os factos. Senão vejamos:

- A aluna viu cumprido o seu desejo ao conseguir, no âmbito do programa da SIC, a sala de "Terapia Ocupacional", na escola que o seu irmão frequenta;
- A sala que já existia mas que foi apetrechada com mais alguns elementos, continuou a ser um recurso da Escola, não só para este aluno como para todos os alunos que tenham necessidade de a frequentar;
- O aluno "não perde direito à sala para Terapia Ocupacional";
- O aluno pode frequentar a sala numa qualquer valência de formação que o professor ou psicólogo considere adequada;
- O aluno não tem, nem nunca teve, direito à Terapia Ocupacional, à luz da legislação em vigor;
- Os apoios especializados, nomeadamente a Terapia Ocupacional, são mobilizados para alunos com medidas adicionais. O aluno em apreço não usufrui destas medidas;
- A intervenção em Terapia Ocupacional é prestada pelos técnicos do CRI (Centro de Recursos para a Inclusão) podendo assumir a forma de apoio em grupo ou individual, consoante os objectivos a atingir, de acordo com o definido no RTP (Relatório Técnico Pedagógico) e no PEI (Plano de Ensino Individual) dos alunos;
- Constituindo-se recursos muito limitados, compete ao Agrupamento geri-los de forma equitativa, de acordo com o público-alvo definido pelos normativos legais;
- Apesar do aluno não beneficiar do apoio direto prestado pelas técnicas do CRI, estes profissionais podem prestar, numa lógica de trabalho colaborativo, um serviço de retaguarda no apoio aos professores e às famílias;
- Infelizmente, são muitos os alunos que, contrariamente ao aluno referido, têm necessidade de usufruir de outro nível de medidas que não as universais;
- Considerar que "...crianças com grande potencial de recuperação, de progressão (...) é nestas crianças que realmente vale a pena investir, para que no futuro sejam jovens e adultos com grande integração na sociedade..." é uma mera opinião, mesmo que seja de especialistas "...os médicos, aqueles que realmente sabem do assunto";
- A Escola rege-se por normativos e estes preconizam "...as princípios e normas que garantem a inclusão enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos...", ponto 2 do artigo 1º do Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho;
- A mãe sabe disso, conhece a legislação, foi informada dos procedimentos e dos constrangimentos. Resulta, por isso, extemporânea a aparente estranheza das situações referidas;
- A mãe tem direito à indignação e à liberdade de expressão, o que não tem a legitimidade para pôr em causa o desempenho profissional daqueles que têm por missão cuidar, proteger e apoiar crianças e jovens, não como cada um de nós desejaria mas no estrito cumprimento da Lei;

Melgaço, 26 de outubro de 2021

A Diretora do agrupamento

(Paula Cerqueira)

EN 202 requalificada ainda este ano

Segunda fase [Termas-Vila] só na Primavera de 2022

João Martinho

Nas últimas semanas, a circulação viária na antiga Estrada Nacional 202 (EN202) – no troço entre o Peso e a Freguesia de Penso – tem decorrido com limitação devido à requalificação do pavimento. **A empreitada de beneficiação desta artéria, sob gestão municipal a partir do corrente ano (entre o km 100,121 e o km 109,372) contempla uma extensão total de cerca de nove quilómetros, estender-se-á até ao próximo ano.**

A autarquia assumiu a gestão e o envelope financeiro para a renovação do pavimento da antiga EN 202 (até 2020 sob tutela da Infraestruturas de Portugal S.A.), e já tem em execução o concurso único que contempla a renovação desta estrada desde Penso, no limite com Monção, e o centro da vila de Melgaço.

“Tínhamos inicialmente previsto que esta empreitada fosse desenvolvida na totalidade este ano e chegasse à vila. Com alguns atrasos, vamos divi-

dir. **Da primeira fase, desde o limite com Monção, até à entrada do Peso, será feita a marcação da estrada ainda este ano.** O troço que arrancará a seguir às Termas e virá até à Vila será feito na Primavera do próximo ano”, avança o autarca de Melgaço, Manoel Batista, explicando que as condições meteorológicas do Inverno, como as temperaturas, não são as indicadas para a pavimentação com betuminoso.

Já a **pavimentação no centro urbano do Peso, entre a rotunda e a entrada para o parque das termas, aguardará pelo Plano de Pormenor** de que falamos na edição anterior deste jornal, e que por isso permanecerá nas condições actuais até à sua finalização e aprovação.

“Será uma repavimentação completa da zona do Peso e uma requalificação urbana grande, não fazia

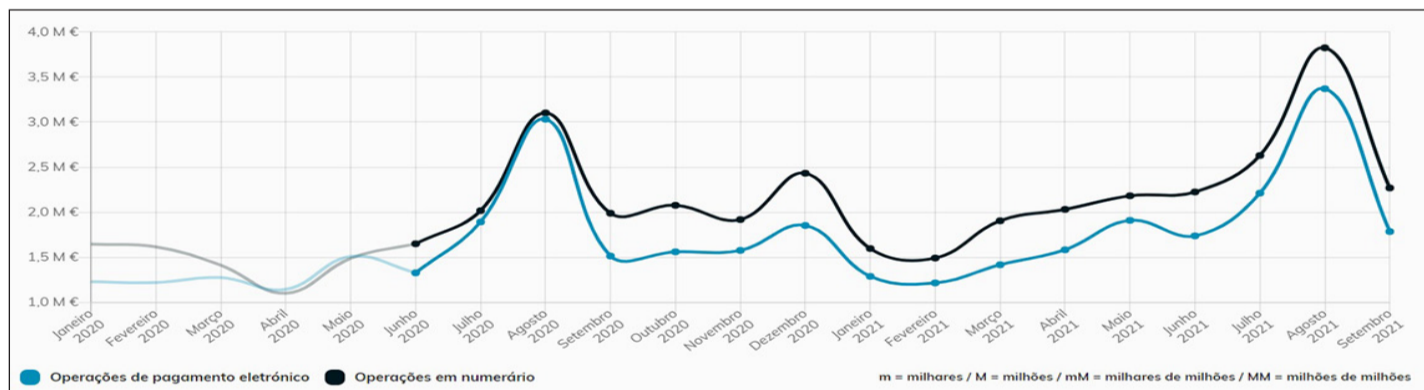


sentido estarmos a investir agora em alcatrão para essa zona”, observa o edil, não comprometendo o executivo com prazos mas assegura que os Planos de Pormenor, quer do Peso, quer de Castro Laboreiro, ficarão concluídos no decurso do actual mandato.

SIBS: Melgaço registou 20 milhões de euros em operações de pagamento entre Junho e Setembro de 2021

Supermercados, administração pública, alojamento e restauração entre os principais serviços

João Martinho



Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU

Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

FISIOTERAPIA: Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados), Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO
www.osteomais.com • clinica@osteomais.com

Tel. 251 401 078
Tlm. 969 195 272

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA**António Matias de Araújo**
Vila - Melgaço | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António A. G. Fernandes**
S. Paio - Melgaço | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Alice Pereira**
Rouças - Melgaço | 59 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Francisco Cerqueira**
S. Paio - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Leonor de Jesus Pires**
Paços - Melgaço | 99 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Isabel Maria S. Fernandes**
Penso - Melgaço | 65 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**AGÊNCIA FUNERÁRIA VILARINHO-ORQUÍDEA****Izalina de Fátima Afonso**
Vila - C.Laboreiro | 63 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Esteves**

Paço - ParadaMonte | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Joaquim Manuel R. Duarte**
Bairro Sra. da Graça | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Ouvindo as notícias, dia a dia, de cada vez, convencem mais que o nosso país está a ficar ingovernável

Abílio Francisco Conde

Acompanhando as notícias todos os dias, cada vez ficamos mais convencidos que o nosso país está a ficar ingovernável. Antes, os sindicatos, afectos ao partido comunista português, estiveram pacificados. Agora nota-se uma movimentação dessas forças no sentido de demonstrarem o seu descontentamento social por verem que a inflação é galopante, abrangendo o preço da gasolina, chegando aos 2 euros/ litro, a renda das casas, um T3, 600 euros, a alimentação, um Kg. de uvas, 3,5 euros, electricidade, gás, água e lixo, IMI, IUC e IRS, preços intoleráveis, etc, etc, enquanto os salários são de miséria, a maioria tem o ordenado mínimo, 665 euros/mês e a agravar ainda mais a nossa sociedade, reformas não aumentadas há mais de 20 anos, grande parte de 200 e poucos euros. Nos trabalhadores do activo, a situação é igual. Há professores, colocados a 500 e mais km e vivem com cerca de mil euros por mês para pagarem renda de um quarto que custa 700 euros em Lisboa, transporte para casa, cerca de 300 euros e com os enfermeiros e outros funcionários é igual. Deste modo não estamos admirados por o sector da Saúde ter convocado uma greve para 23, 24 e 25 de Novembro e chamando à proposta do Orçamento "UM LOGRO". Os professores não estão contentes e Mário Nogueira da FENPROF ameaçou com uma paralisação. Também os funcionários públicos confirmaram uma greve para 12 de Novembro. Na Cultura, nas forças de segurança e restante função pública o clima é de descontentamento e não augura nada de bom nos próximos tempos. A "geringonça" chegou até aqui (6 anos) devido ao apoio do PCP e BE mas como estes partidos da esquerda perderam muitos dos seus adeptos nas últimas eleições autárquicas, agora estão receosos de eles terem contribuído para a crise que se vive, mostram-se indecisos para



Entrega do Orçamento na AR

assinarem novamente o Orçamento. É certo o MF, João Leão, prometer mais dinheiro para todos. Mesmo assim, queixam-se e exigem uma fatia maior do Orçamento. A verdade é esta. O governo para satisfazer as reivindicações dos médicos, professores, enfermeiros, funcionários públicos, etc, etc, tem que optar por aumentar o défice que já é gigantesco ou aumentar os impostos que já estão em níveis insustentáveis. Os resultados das eleições autárquicas deixaram no ar uma suspeita de fragilidade do governo da "geringonça". Algo subtil mas suficiente para abrir uma brecha a explorar pela direita. O governo negocia benesses com os grupos de esquerda. Os custos vão ser enormes. Há quem diga que era preferível eleições antecipadas do que um "mau orçamento". Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

OUTUBRO 2021

Max Stall - Entrevistado pel' "A Voz"

Faleceu Max Stall, o famoso jornalista que fotografou o massacre do cemitério de Santa Cruz de Timor e cuja reportagem teria enorme impacto no processo de libertação de Timor Leste. Em 2010, numa passagem por Macau, o nosso amigo e colaborador, Dr. Armino Vaz, encontrou-o no final da missa de Domingo e entrevistou-o para a revista «A Voz» da Associação dos Macaenses.

Aqui lhe prestamos a nossa homenagem e o recordamos.

**MIRA**

Consigo desde 1850

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 - Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Zona Empresarial de Alvaredo: Empresas de grande e média dimensão prometem esgotar os 5 hectares da primeira fase

Autarquia quer avançar com declaração de Utilidade Pública dos terrenos das fases 2 e 3 até meados de 2022

João Martinho



Com a implementação da primeira fase da Zona Empresarial de Alvaredo já em curso, a autarquia realizou uma sessão na Freguesia de Alvaredo, no dia 19 de Outubro, para dar conta do ponto de situação e da necessidade de antecipar o processo da declaração de utilidade pública dos terrenos compreendidos no traçado das fases 2 e 3 do parque empresarial a implementar, num total superior a 20 hectares.

A “urgência” do pedido, que a autarquia pretende esteja resolvido e em condições de avançar para aquisição e escrituras no final do primeiro semestre de 2022, prender-se-á com a crescente procura de área de implementação.

“Não estava previsto que avançássemos tão rapidamente para a segunda e terceira fases, mas a verdade é que a procura para a primeira fase é grande e não podemos deixar o município numa situação de incapacidade para acolher as empresas. Se temos esta procura para a primeira fase, queremos avançar rapidamente com a segunda e terceira para, dentro das nossas possibilidades, irmos preparando o terreno para as empresas que nos forem chegando”, observou o Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista.

Neste momento, ainda segundo o autarca, **estão já escrituradas e pagas (na ordem dos 214 mil euros) 54 das 121 parcelas que integram a área relativa à 1ª fase de implementação do parque empresarial, sendo que ainda falta apurar a titularidade de doze parcelas.** Em hectares, estão escriturados 5,2 dos 8,6 hectares da primeira fase da ZEA.

A autarquia pretende que o processo seja mais ágil

nas próximas fases e sem interrupção entre programas. “Terminado o processo de escrituração da primeira fase, arrancaremos com a escrituração da segunda e terceira fase”, prespeticvou.

Novo desenho de área não contempla lotes nem espartilhará a área de construção antes de saber as pretensões da empresa a instalar. “Os lotes são desenhados conforme a necessidade de quem nos procura. Se alguém precisar de um lote de vinte mil metros quadrados, desenharemos um lote com essa dimensão. Se outro precisar de um lote de mil metros quadrados, também o faremos. Não há lotes predefinidos, como aconteceu na Zona Industrial de Penso e não funcionou, há um espaço de implementação que depois se adequa às necessidades das empresas”, defendeu Manoel Batista.

Das promessas de instalação que o autarca tem anunciado nos últimos meses, **algumas empresas já terão deixado o compromisso validado sob forma de Contrato-Promessa de Compra e Venda (CPCV) e que deixarão esta primeira fase perto do limite de implementação previsto.**

“Temos neste momento assinados dois CPCV para a nova Zona Empresarial. Teremos oportunidade de falar com um empresário local que estava interessado num lote considerável, para percebermos se temos condições para fazer já o contrato e se acontecer termos o terreno da primeira fase praticamente esgotado na sua capacidade. Três ou quatro empresas esgotarão os cinco hectares de implantação”, ressaltou o edil.

A distribuição a considerar, face aos documentos alegadamente assinados, terá em conta “uma empresa

de grande dimensão, uma segunda de dimensão considerável” e mais uma ou duas de menor dimensão, que completariam a área para loteamento.

Que empresas podemos esperar

Além dos eventuais empresários locais/regionais, que poderão instalar sectores mais ou menos comuns para o mercado do trabalho local, Manoel Batista sugere que as candidatas de maior dimensão trarão valor acrescentado para a economia local e tirarão partido da vantagem geográfica do território.

“Quando alguns acham que estamos no fim de linha, no fim do mundo, outros acham que estamos numa localização privilegiada relativamente aos mercados”, reitera, dando nota do interesse estratégico do território que se liga por terra e mar com facilidade, via Galiza, para a Europa e o resto do mundo.

As empresas em questão “exigirão mão-de-obra qualificada”, mas não só. “Claramente estamos a falar de alguns quadros superiores, necessários ao desempenho das empresas. No caso de uma empresa, bastantes quadros superiores, porque já tem na sua estrutura um nível tecnológico bastante avançado. Precisarão de mão-de-obra menos especializada, julgo que haverá oportunidades para quem tenha menos formação, mas também para os melgacenses que tiverem mais especialização, para alguns regressarem e outros fixarem-se”, avaliou.

A primeira fase da ZEA representa um investimento de 2.711.820,22€, cofinanciado pelo FEDER no montante de 1.500.000,00€, no âmbito do Programa Operacional Regional do Norte, Norte2020.

NOVIDADES
VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

“Da Costa Congelados,
até ao seu prato”

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!
251 031 438






MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N° 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

Orçamento 2022: famílias e operários de mãos a abanar

Costa Guimarães

Quando o PS apresenta o Orçamento mais à esquerda, nos últimos 47 anos, — como escreveu o insuspeito Financial Times — a esquerda (CDU e BE) uniu-se todos os partidos da Direita para o reprovar.

Longe vão os tempos em que o mesmo jornal inglês se espantava como a “perspetiva brilhante de Portugal que oferece alguma esperança à Europa”.

Há dois anos, o diário económico britânico publicou um editorial onde afirma que a esperança para a Europa vem de um país insuspeito: Portugal. Mas deixou alertas para mudanças necessárias na próxima legislatura, citando um provérbio português: “Quem tudo quer, tudo perde” e no final é o povo que se lixa (os mais vulneráveis, os que auferem menos pelo seu trabalho). (cf. <https://www.ft.com/content/4d36d9cc-bd0f-11e9-b350-db00d509634e>).

O Parlamento chumbou esta quarta-feira, dia 27 de Outubro, na generalidade, a proposta de Orçamento do Estado para 2022, com 117 votos contra, 108 a favor e cinco abstenções.

Foi a segunda vez que um Orçamento de Estado chumbou no parlamento em 47 anos de democracia, mas a primeira em que a rejeição dará, como já antecipou o Presidente da República, origem à dissolução da Assembleia da República.

Ficou tudo suspenso. Alguns comentadores perguntam: como é que PCP e Bloco de Esquerda (Jerónimo Sousa e Catarina Martins) vão explicar a muitos dos seus apoiantes, provavelmente a maioria (operários fabris, da indústria têxtil, funcionários da administração local, etc., etc.), como derrubaram um governo que concretizou tantas conquistas e queria em 2022 proceder à maior subida do Salário Mínimo Nacional?

O Salário Mínimo Nacional estava em 485 euros mensais em 2011 e assim se manteve inalterado até 2014. Desde 2015 até agora passou dos 505 para os 705 euros (em 2022), se o Orçamento fosse aprovado. Era a maior subida de sempre — seis por cento.

Mais se pode enumerar e argumentar com base no orçamento, mas deixamos aqui três propostas de “peso” estrutural e que mexiam nas algibeiras dos portugueses

em janeiro, muitos, mas muitos milhares de portugueses teriam o salário mínimo aumentado, mais 40€ mensais, mas a rejeição do orçamento deita por terra esse aumento; em janeiro, muitos milhares de pensionistas iam ter

mais 10€ por mês na sua reforma. Não vão ter.

em janeiro íamos ter creches gratuitas, o que era um alívio na estrutura financeira de muitas e muitas famílias.

Com a rejeição deste orçamento, a vida de centenas de milhares de portugueses fica congelada e mais pobre. Em síntese: famílias, idosos e trabalhadores ficam “de mãos a abanar”.

Estranhamente, lembram os comentadores, repetiu-se o que aconteceu exactamente há dez anos, em 2011: os ditos partidos de esquerda — Bloco de Esquerda e Partido Comunista Português — uniram-se à direita na “patriótica” missão de derrubar um governo socialista.

Há 10 anos, chumbaram o PEC IV; agora, deitaram ao lixo o Orçamento de Estado para 2022, algo nunca visto no Portugal Democrático.

Comportam-se, na verdade, como os aliados estratégicos da direita nos momentos fundamentais.

António Costa também não fica bem nesta desgraçada fotografia: cometeu o erro histórico de confiar em quem manifestamente não é nem nunca foi confiável!

No meio desta confusão, inquietante é a possibilidade de tudo ficar na mesma após as eleições.

Ou seja, os partidos fazem-nos perder tempo e recursos com nefastas repercussões a nível internacional e na credibilização da democracia.

A Assembleia da República prestou um péssimo serviço aos portugueses, criando uma escusada crise política que se une à crise económica e sanitária em vigor.

Resta alguma esperança, no entanto, a avaliar pelo que escrevia o jornal público no dia seguinte: Fernando Rocha Andrade, ex-secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, afirma ao PÚBLICO que “o aumento do salário mínimo pode entrar em vigor em Janeiro”. (cf. <https://www.publico.pt/2021/10/28/politica/noticia/governo-decretar-aumento-salario-minimo-1982774>)

O secretário de Estado adjunto do primeiro-ministro afirmou, em entrevista à TSF, que o governo vai avançar com o aumento do salário mínimo para os 705 euros, prometido para Janeiro de 2022.

“O Governo está em exercício de funções, na plenitude das funções, e aquilo que puder fazer fará. Temos dito sempre: ‘palavra dada, palavra honrada, disse Tiago Antunes, acrescentando que o Executivo pretende aplicar as medidas previstas na proposta de Orçamento do Estado chumbada na quarta-feira.



O QUE SE SEGUE ATÉ JANEIRO?

Como não se demite, o primeiro-ministro continua em pleno de funções e de acordo com o artigo 186.º da Constituição, os governos ficam limitados “à prática dos atos estritamente necessários para assegurar a gestão dos negócios públicos” em duas circunstâncias: “antes da apreciação do seu programa pela Assembleia da República, ou após a sua demissão” — opção que o primeiro-ministro, António Costa, afastou.

As eleições nunca serão este ano. Até lá, ou pelo menos até ao final deste ano de 2021, o primeiro-ministro continua a governar com um Orçamento em vigor, ou seja, o orçamento de 2021 que foi aprovado na AR em 2020, por duodécimos.

O regime de duodécimos, que entra em vigor em 2022, limita a execução mensal ao dividir por 12 o orçamentado para este ano, até haver um novo orçamento.

Estão no entanto excluídas as “despesas referentes a prestações sociais devidas a beneficiários do sistema de Segurança Social e das despesas com aplicações financeiras”.

Com a prorrogação do OE2021, o Governo pode “emitir dívida pública fundada, nos termos previstos na respetiva legislação” e ainda “conceder empréstimos e realizar outras operações ativas de crédito, até ao limite de um duodécimo do montante máximo autorizado pela lei do Orçamento do Estado em cada mês em que a mesma vigore transitoriamente”.

O Presidente da República já tinha dito que, perante um chumbo do Orçamento, iria iniciar “logo, logo, logo a seguir o processo” de dissolução do Parlamento e de convocação de eleições legislativas antecipadas.

Para dissolver a Assembleia da República o Presidente da República tem de ouvir os partidos nela representados e o Conselho de Estado.

E nessa altura começa a contagem para novas eleições. E o que diz a Constituição a este respeito?

Nos termos da Lei Eleitoral para a Assembleia da República, o Presidente da República tem de marcar a data de eleições legislativas “com a antecedência mínima de 60 dias ou, em caso de dissolução, com a antecedência mínima de 55 dias”.

O artigo 179.º da Constituição estabelece também que, a partir do momento em que é decretada a dissolução do parlamento, “funciona a Comissão Permanente da Assembleia da República”, que é composta pelo seu presidente, pelos vice-presidentes e por deputados indicados por todos os partidos, de acordo com a respetiva representatividade parlamentar.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

RAO Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas

*casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias*

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

Leonor Amorim e os 100 anos entre a melancolia e a alegria

João Martinho

No dia em que Leonor Rodrigues Amorim comemorou cem anos foi tomada por uma melancolia agriçoce que nem os chocolates oferecidos por José, um dos sobrinhos, conseguiu temperar.

Fechou as contas ao centenário a 18 de Outubro, mas não queria celebrar com foguetes a data redonda. Nasceu em Melgaço, cresceu em Cristóval e aos 28 anos aceitou o pedido de casamento que tinha pendente por ter dado apoio à mãe, doente de cancro e partiu para o Porto.

O marido já estava no Porto desde cedo por isso Leonor, tendo cumprido a missão de apoiar a sua mãe com brio durante o tempo que a vida da progenitora lho concedeu, assinou no fim da folha o seu projecto de vida.

Já casada e no Porto, onde tinha uma loja de mercearia que era também confeitaria, foi-se aproximando dos sobrinhos e afilhados. “Não via mais nada senão a eles”, confessa Leonor, que tomou José e Cristina como filhos. Cresceram, passaram fins-de-semana juntos e estabeleceram uma relação que ainda hoje José e Cristina mantém com as visitas e telefonemas de frequentemente fazem para a casa de repouso sénior, localizada em São Gregório (Cristóval), onde Leonor passa os dias.

O falecimento do marido, há cerca de vinte anos, devido a doença cardíaca, deixou a aniversariante desencantada da festividade das coisas. Reconhece que organizava com mais entusiasmo uma festa para outros do que a sua própria, mas em nenhum momento esta perda de animo fora crónica.

Quando o marido adoeceu, Leonor Amorim chegou a assumir a gestão da sua casa e negócio, com o apoio de três funcionários. Em nome dos tempos bons, recorda-se dos fins de semana com os sobrinhos e do mês de Agosto.

Há cerca de quatro anos, as pernas deixaram de responder-lhe de forma adequada à necessidade de fazer a



sua vida independente e acabou por encontrar no lar de repouso onde se encontra uma equipa que lhe dá e faz “tudo o que há de bom”, embora lamente a cada momento que lhe falta o melhor apoio para este momento da vida: O marido.

Contudo, o sentimento de solidão de alguns dias é contraposto com outros em que recebe visitas e telefonemas de quem quer que Leonor tenha sempre uma palavra a dizer sobre a vida. Durante a conversa que tivemos a propósito do seu centenário, Leonor recebeu chamadas da família e amigas, que a obrigaram a assinalar de forma especial um aniversário que de outra forma a votariam à melancolia.

José, o afilhado que se deslocou do Porto a Melgaço para assinalar de forma diferente o momento, recorda muito de Leonor e da vida que tinham no Porto da sua infância e das férias em Melgaço.

Os pais já faleceram e só as fotos que ilustram este texto mantém uma ligeira chama e memória do passado. Dos momentos em família no Porto, das idas a Cristóval e a Melgaço, uma ou duas vezes por ano. José

ainda se lembra de acontecer progresso em Melgaço, de ver instalarem a eletricidade em casa, mas também de levar dali “um bocadinho de tudo, para se matar saudades”, desde o chouriço, presuntos, ovos... era onde se comia Revilla, se bebia o Cola-Cao, se lia a revista *Hola!* e se via a televisão espanhola.

“Queria que houvesse pelos menos uma fotografia deste momento, porque não é todos os dias que se assiste a um acontecimento destes, em que estamos juntos, faz cem anos com muita lucidez e saúde e para que os amigos que a conhecem possam saber desta boa notícia”, confessa-nos o afilhado de Leonor.

“Que gosto muito deles”, sintetiza Leonor Amorim, inquirida sobre a mensagem que quer passar através deste jornal. Entre chamadas de parabenização admite que, não fossem as constantes solicitações do momento, passaria “todo o dia a chorar”. Assim, e contrariando a sua propensão para a melancolia, somamos ao seu centésimo aniversário um momento diferente. Para a história já sabíamos que ficará.

festa do
espumante
melgaço

26 A 28 NOV. LARGO DO MERCADO

**PROVAS DE ESPUMANTES
RESTAURANTES
PRODUTOS REGIONAIS
SHOWCOOKING
MÚSICA**

ORGANIZAÇÃO melgaço município

PRODUÇÃO EV

APOIO Metro do Porto, SA

APOIO TÉCNICO TEKA

MEDIA PARTNER VINHOS A ESSENCIA DO VINHO

WWW.FESTADOESPUMANTE.COM

Centro de Estudos “Os Trakinas Sabichões” inaugurou salas e duplica capacidade

Serviço de acompanhamento ao estudo pode receber até 30 alunos

João Martinho



No dia 12 de Outubro, a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço inaugurou a última das suas valências para a infância. A inauguração oficial do espaço que albergará o Centro de Estudos “Os Trakinas Sabichões” foi agendada para o dia do Beato Carlo Acutis, escolhido pela Misericórdia melgacense como patrono para as respostas de infância.

Iniciado há dois anos com 15 crianças, o acompanhamento personalizado dos alunos e os consequentes sinais de melhoria do desempenho escolar ditaram a necessidade de aumento de espaço e condições técnicas e humanas de apoio ao estudo, que agora se concretizam.

O Centro de Estudos está dotado de espaços diferenciados: sala de apoio individualizado, sala de apoio ao estudo e espaço de desenvolvimento de técnicas de aprendizagem.

“É com dupla satisfação que vemos surgir este novo espaço, uma vez que sabemos que os nossos alunos tirarão dele bom proveito e desta forma servimos a nossa comunidade, e ao mesmo tempo que o belo edifício do antigo Hospital da Misericórdia, que tanto diz à nossa população, ganha ainda mais vida a três dias de se completarem 129 anos desde a sua inauguração, que teve lugar a 16 de Outubro de 1892”, congratula a Misericórdia de Melgaço.

José Adriano Lima, vice-presidente e Vereador da Câmara Municipal de Melgaço, a presidente da Assembleia

Municipal, Fátima Esteves, o padre Arcélio Sousa, do arcebispo de Melgaço, equipa técnica do projecto e Irmãos da Santa Casa marcaram presença neste acto.

Em nome da autarquia, José Adriano Lima enalteceu o gosto pela preservação e continuidade da missão em prol da comunidade de um edifício no qual terá sido, segundo o próprio, “um dos últimos melgacenses a nascer”, no início da década de 80 do século XX.

“Em boa hora se recuperou o edifício, pois a educação e o ensino é também uma área vital para a nossa sociedade. Estou certo de que temos aqui uma boa resposta, é importante que ela seja de qualidade e, em minha opinião, acessível a todos. Certamente que a Santa Casa da Misericórdia, de acordo com a sua filosofia e o seu espírito, o garantirá”, observou José Adriano Lima.

No rol de pedidos de apoio feitos à autarquia, o provedor da Misericórdia melgacense, Jorge Ribeiro, deixou apenas um pedido, relacionado com a necessidade de equipamento: seis computadores que auxiliarão as crianças no estudo. O representante da autarquia prometeu conduzir e fazer chegar o pedido ao executivo.

A Sala de Estudo, orientada por Marisa Garelha, acompanhada por Paula Domingues, professora e responsável pelas respostas da infância da Santa Casa da Misericórdia, poderá receber agora o dobro das crianças que recebia quando começou, numa sala improvisada e de menor di-

menção. E a equipa de apoio é hoje mais multidisciplinar.

“Aproveitamos o facto de termos um estágio profissional de uma psicóloga que vai, conjuntamente com a Dra Manuela Lobato, que está a supervisionar o estágio, às terças-feiras vão desenvolver técnicas de competências de estudo e vai ser certamente benéfico para os alunos”, destaca a responsável pelas respostas de infância.

As crianças, conforme o seu horário escolar e sempre a partir das 16 horas, poderão optar pela modalidade de duas ou três vezes por semana, onde serão organizados por grupos, sem perder o acompanhamento individualizado que tem vindo a ser desenvolvido por Marisa Garelha e o apoio da restante equipa.

Em Setembro de 2019, ainda a plataforma da Escola Virtual não se afigurava um requisito quase obrigatório para acompanhar as matérias, quando Paula Domingues propôs a aquisição destes materiais para todos os alunos.

Em 2020, quando o confinamento atirou as crianças para casa e para as novas plataformas, já o apoio desta equipa e os alunos a usufruir deste acompanhamento ao estudo estavam integrados num método que se verificou “muito útil”.

O “feedback dos pais” relativo ao ano lectivo transacto já permitiu à equipa deste programa perceber que este acompanhamento se traduz em “melhoria de notas e mais autonomia na utilização de ferramentas”.



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL

TRAN
QUILI
DADE



ZURICH

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com



ALVARINHO
Casa do Cerdedo

a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

Viagens na minha Terra – 5

Uma viagem ao Porto · 1 - O Infante D. Henrique e os Descobrimentos

M. J. Lobo Elias

Uma viagem surpreendente, organizada pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal, abreviadamente SHIP, seduziu-me por um programa de visita inesperado no seu conteúdo histórico e não só.

Esta associação foi fundada em 1861, e considerada de utilidade pública, focando valores nossos em diferentes domínios, incluindo o património, e é a mais condecorada das instituições culturais portuguesas. Sediada há muitos anos no Palácio da Independência, junto à Igreja de S. Domingos, em pleno centro de Lisboa, continua com um activo programa em que as viagens apresentam sempre uma vertente histórica.

O Porto como berço do Infante D. Henrique

Segundo tradições registadas historicamente o Infante D. Henrique nasceu no Porto em 1394, numa quarta-feira de cinzas, no maior edifício de habitação existente à época e onde a família real se costumava acolher.

No Arquivo Histórico Municipal do Porto existe um documento onde vêem referidas pelo cronista Fernão Lopes as despesas efectuadas durante as festas do baptizado do Infante no Porto, em 1394, acrescentando ainda que terá sido seu padrinho o bispo de Viseu. A ligação do nascimento do Infante a este edifício do Porto que seria então propriedade da coroa, baseia-se numa tradição popular.

A Casa do Infante

Na verdade a chamada ainda hoje “Casa do Infante”, ou “Casa da Rua da Alfândega Velha”, pertence sem dúvida aos grandes edifícios mais antigos do Porto.

Desde os anos 80 passou a ficar aqui instalado o Arquivo Histórico Municipal do Porto.

O grande impulsionador dos Descobrimentos

Como sabemos o Infante D. Henrique foi o principal impulsionador dos descobrimentos portugueses. Já em 1414 convenceu seu pai a montar a campanha para a conquista de Ceuta, o que aconteceu em 1415, teria o Infante 21 anos: foi nessa altura armado cavaleiro e recebeu os títulos de Senhor da Covilhã e Duque de Viseu. Após a conquista de Ceuta o Infante D. Henri-

que (1394-1460) mudou-se para Lagos de onde passou a dirigir as expedições que seguiam pelo Atlântico. Toma ao seu cuidado a primeira fase da epopeia dos descobrimentos. Rodeou-se de sábios e navegadores portugueses, genoveses e venezianos e a sua acção e visão estratégica abriram-nos as portas do mundo, ficando com um papel central na história de Portugal. Foi mais tarde, em 1420, nomeado Grão-Mestre da Ordem de Cristo.

Museu dos Descobrimentos – “World of Discoveries”

Foi uma surpresa encontrar em Miragaia nos enormes e antigos armazéns da Real Companhia Velha este Museu dedicado aos Descobrimentos portugueses no centro histórico do Porto. A ideia de aproveitar este enorme espaço para a instalação de um museu interactivo sobre esta temática encontra-se muito bem apresentada. Esta longa e interessante visita inclui um percurso em pequenos barcos, navegando por um canal à medida, escavado no interior do edifício e que vai atravessando salas e corredores. Esta sugestão de uma viagem histórica pela epopeia dos descobrimentos portugueses, tem cenários construídos à escala real, ocupando no total 5.000 m². Seguimos por este canal navegável em pequenos barcos contemplando as margens onde estão recriados os caminhos marítimos desbravados pelos portugueses, com animais e vegetação integrando o ambiente a sugerir outras latitudes: China, Japão, Indonésia, Índia, Norte de África e Brasil, com representações muito sugestivas dos cenários de encontro nestes vários países com os senhores ou habitantes locais



Chegada de Vasco da Gama à Índia

no seu ambiente. Muito interessante! Uma visita a não perder...

Almoço na Alfândega do Porto

Não podemos deixar de referir que tivemos o privilégio de almoçar no espaço de um destes armazéns da alfândega em que estava instalado um grande forno de lenha tradicional de cozer pão! E foi deste forno com as brasas no interior a brilhar à nossa vista, que iam saindo directamente para os nossos pratos, umas inesquecíveis e enormes francesinhas! É voz corrente que a primeira francesinha terá sido inventada por um ex-emigrante regressado de França dono da cervejaria “A Regaleira”, na rua do Bonjardim, por volta de 1950, inspirado numa sanduíche francesa de nome croque-monsieur, e decidiu adaptá-lo aos sabores e paladar português, tendo, então, incluído carnes e queijo. Atualmente, porém, já vemos francesinhas com outras composições, mas sempre apetitosas e suculentas...

Nov 2021



Descobrir outros mundos



Os animais desconhecidos...outros mundos



Padrão dos Descobrimentos

Vamos caminhar todos juntos?

É o desafio do Papa Francisco

Costa Guimarães e Carlos Vaz

Σύνοδος — eis a palavra mágica do futuro dos cristãos. Desdobremos a palavra para a perceber melhor. Tem um prefixo — **σύν** — e um substantivo — **οδος**. À letra, significa juntos na estrada ou no caminho.

É este o caminho traçado pelo Papa Francisco ao querer, por um lado, que todos sejam ouvidos, incluindo os que estão à margem da igreja, e por outro, que este exercício não seja meramente teórico e formal. Caminhar exige movimento, acção de cada um de nós buscando a união com os outros. Pediu ainda que o encontro não seja “uma ‘convenção’ eclesial, um convénio de estudos ou um congresso político”, mas antes “um processo de cura”. Mais, desafiou bispos, padres, religiosos e leigos a uma escuta recíproca, sem respostas artificiais ou “pronto-a-vestir”.

Sabemos que faz parte da Igreja a sua condição peregrina, mendiga, provisória e sempre servidora, auscultando os sinais dos tempos e os ventos do Espírito, confiando e esperando, abrindo canais, pontes e novos trilhos e passagens. Ou, como dizia São João XXIII, deixando entrar uma lufada de ar fresco, para ventilar nossos espaços e tirar a poeira do tempo.

Três palavras sugestivas definem esta caminhada: Comunhão, Participação e Missão.

Francisco resgata a renovação profunda do Concílio Vaticano II, actualizando as suas práticas, experiências e percepções, caminhando juntos e articulando espaços novos de escuta, diálogo e consulta a todos os níveis eclesiais (local, regional, nacional e universal).

Desta vez, ampliou os interlocutores, aliados e companheiros de viagem, ao escutar e envolver a sociedade civil e as suas expressões, para passar a limpo a participação e integração do laicado e todas as formas associativas e estados de vida do Povo de Deus.

O Concílio Vaticano II esclareceu que a comunhão exprime a própria natureza da Igreja e, ao mesmo tempo, afirmou que a Igreja recebeu «a missão de anunciar e instaurar o reino de Cristo e de Deus em todos os povos, constituindo ela mesma o germe e o princípio deste mesmo Reino.

Através destas duas palavras: comunhão e missão, a Igreja contempla e imita a vida da Santíssima Trindade, mistério de comunhão ad intra e fonte de missão ad extra.

Falta a terceira palavra: participação. Comunhão e missão correm o risco de permanecer meio abstratas, se não se cultiva uma Igreja que se exprima em ações concretas de sinodalidade em cada etapa do caminho e da actividade, promovendo o efetivo envolvimento de todos e cada um.

A participação é uma exigência da fé baptismal porque “num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo” (1 Cor 12, 13).

Se falta uma participação real do Povo de Deus, os discursos sobre a comunhão arriscam-se a não passar de piedosas intenções.

ETAPAS DO SÍNODO

A celebração do Sínodo está dividida em três fases, entre outubro de 2021 e outubro de 2023, passando por uma fase diocesana e outra continental, que dará vida a dois instrumentos de trabalho diferentes, antes da fase definitiva, ao nível mundial.

A abertura do Sínodo aconteceu também em cada diocese católica, a 17 de outubro, sob a presidência do respetivo bispo, mas este processo sinodal marca, assim o esperamos, uma passagem de um modelo de Igreja clerical, centrada no poder do clero, para um modelo de Igreja sinodal, baseada na corresponsabilidade de todos os fiéis, na sua participação e auscultação.

A imensidade dessa tarefa no mundo atual está silenciada por um factor doloroso, comum entre nós: a separação entre a Fé e a vida. Cremos numa Doutrina, mas os nossos actos não refletem aquilo em que dizemos acreditar. Ou, por outras palavras, o nosso fazer não condiz com o nosso ser de cristãos, filhos de Deus e irmãos uns dos outros.

Tudo pode ser diferente “se os fiéis leigos souberem ultrapassar em si mesmos a ruptura entre o Evangelho e a vida, na família, no trabalho e na sociedade.

Nós sabemos o caminho. Vários serviços são necessários para a Igreja exercer sua missão. Cada época tem prioridades e agora, a grande necessidade do nosso tempo é a de “uma Igreja em saída”, com espírito missionário. É o ministério (serviço) da Palavra, que se concretiza na missão dos catequistas, elevados à categoria de ministério eclesial, com a consequente necessidade de uma sólida formação cristã. Sólida formação

cristã é igualmente uma urgência extensiva aos animadores das pequenas comunidades que se constituem a partir da Leitura da Bíblia e sobretudo dos ministros que presidem à celebração da Palavra nas comunidades. Outro serviço exigente e necessário de nosso tempo é o serviço da caridade, o apelo à vivência do amor concreto para com os sofredores e necessitados, não apenas de pão, mas sobretudo de compaixão e misericórdia. Desde o início da Igreja, a caridade é a marca distintiva da comunidade cristã. As primeiras comunidades atraíam novos membros porque podiam ver como os cristãos se amavam: «Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo e partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.» (Act 2, 42-47)

O caminhar juntos passa pelo reunir-se em assembleia eucarística, fonte e cume da vida cristã e constitutiva de seu ser: quando o povo de Deus ouve a palavra e celebra o sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, torna-se presente no meio de seu povo a salvação do mundo; mas passa também pelo discernir o que o Espírito Santo sugere em cada tempo para responder aos desafios lançados.

Todos somos chamados a evitar que este “caminhar juntos” se reduza a um evento extraordinário, mas de fachada” ou transformá-lo num “grupo de estudo, com intervenções cultas, mas alheias aos problemas da Igreja e aos males do mundo”.

Estamos prontos para a aventura do caminho ou, temerosos face ao desconhecido? Preferimos refugiar-nos nas desculpas, no ‘não adianta’, ‘sempre se fez assim’, ou somos capazes de arriscar e avançar, perguntou o Papa Francisco na abertura do Sínodo.

“Todas as vozes contam. A Igreja precisa de todos, hoje, para discernir – porque é esse o verdadeiro repto do sínodo – como ser Igreja ao serviço de todos, colocando-se à escuta do Espírito Santo”, disse irmã Nathalie Becquart, subsecretária do Sínodo.

A fase diocesana foi alargada até 15 de Agosto.

Definição do que é o “HOSPITAL”...

Papa Francisco

“Paredes dos hospitais já ouviram preces mais honestas do que igrejas...”

Já viram despedidas e beijos mais sinceros que em aeroportos...

É no hospital que você vê um homofóbico ser salvo por um médico gay.

A médica “rica” salvando a vida de um mendigo...

Um paciente polícia e outro, presidiário, na mesma enfermaria recebendo ambos os mesmos cuidados...

Um paciente rico na fila de transplante hepático pronto para receber o órgão de um doador pobre...

É nessas horas em que o hospital toca nas feridas das pessoas que universos se cruzam num propósito divino e nessa comunhão de destinos damos-nos conta de que sozinhos não somos ninguém!

A verdade absoluta das pessoas, na maioria das vezes, só aparece no momento da dor ou da ameaça real

da perda definitiva”

Hospital, local onde os seres humanos se desnudam das suas máscaras e mostram-se como são verdadeiramente.

Esta vida vai passar rápido...

Não reclame tanto.

Não perca o sono pelas contas.

Não deixe de beijar seus amores.

Não se preocupe tanto em deixar a casa impecável. Bens e patrimónios devem ser conquistados por cada um, não se dedique a acumular herança.

Não fique guardando as taças.

Use os talheres novos.

Não economize seu perfume predileto, use-o para passear com você mesmo.

Gaste suas sapatilhas prediletas, use as suas roupas preferidas.

Se não é errado, por que não ser agora?

Por que não dar uma fugida?

Por que não ligar agora?

Por que não perdoar agora?

Espera-se muito o natal, a sexta-feira, o outro ano, quando tiver dinheiro, quando o amor chegar, quando tudo for perfeito...

Olha, não existe o tudo perfeito.

O ser humano não consegue atingir isso porque simplesmente não foi feito para se completar aqui.

Aqui é uma oportunidade para aprender.

Então, aproveite este ensaio de vida e faça o agora...

Se respeite, respeite os outros; siga seu caminho e deixe o caminho escolhido das outras pessoas, respeite não comente, julgue ou se meta..

Ame mais, perdoe mais, abrace mais, viva mais intensamente e deixe o resto nas mãos do criador.”

Manoel Batista e o Governo PS

João Martinho



Com a ‘ala’ mais combativa do Partido Socialista por perto e face à dissolução da Assembleia da República, que redundará em eleições legislativas em Janeiro ou Fevereiro de 2022, quisemos saber se a proximidade de Manoel Batista com Pedro Nuno Santos – o então Ministro das Infraestruturas e da Habitação chegou a integrar uma acção da campanha autárquica de Manoel Batista, em Castro Laboreiro, em Setembro – ou com Ana Gomes, a diplomata e ex-candidata à presidência da República gravou em vídeo uma mensagem de apoio ao recandidato local pelo PS, representaria alguma tomada de posição relativamente ao Governo de António Costa.

António Costa garantiu que não se demitia e que seria o líder socialista em caso de eleições antecipadas e, ainda que as declarações de Manoel Batista tenham

sido registadas antes da dissolução do Governo, o edil de Melgaço diz que o exercício de gestão praticado pelo primeiro-ministro é “extraordinário” e que serão uma referência para os “anais da História”.

“Em nenhuma intervenção dei nota da falta de admiração pelo primeiro-ministro António Costa. Tem sido extraordinário e ter conseguido fazer o que fez, desde 2015 até agora, para construir uma solução governativa tem sido uma obra extraordinária de que os anais da História darão conta. Muitos diziam que não era expectável, muitos diziam que não era possível, e foi possível”, reiterou.

Contudo, assumidamente críticos, Ana Gomes e Pedro Nuno Santos “são dois nomes com bastante opinião”, reconhece Manoel Batista. “Há outros que tem e não manifestam e outros que não tem”.

Contudo, assegura que a proximidade de carácter ou a aproximação nas acções políticas não significam a sua “vinculação” a qualquer “ala específica do partido”.

“É haver alguma empatia com pessoas. Com Ana Gomes é uma empatia muito grande, uma admiração de décadas pelo trabalho que foi fazendo na diplomacia nacional, no contexto internacional, pelo trabalho feito no processo de Timor, onde ainda enquanto estudante de Teologia tive envolvimento pessoal e institucional”.

Manoel Batista admite haver quem “tenha medo da postura algo mais forte na sua presença e de dizer as coisas” e congratula a diplomata pela “coragem de dizer e de antecipar, e com o tempo é-lhe dada razão. Não é porque adivinha, é porque percebe as coisas”.

No momento em que António Costa disser que já não está disponível, aí sim, estarei com Pedro Nuno [Santos]”

Quanto a Pedro Nuno Santos, “é claramente um dos quadros mais qualificados do Partido Socialista, não tenho dúvida nenhuma”, sublinha. “Alguns encostam-no demasiado à esquerda. Daquilo que tenho conhecido do discurso dele, tenho percebido muito bem o equilíbrio que ele tem, sabendo muito bem qual é o papel do sector privado, das empresas, mas sabendo também colocar na equação o papel do Estado”.

Em relação ao ‘tabuleiro’ político de jogo dentro do partido, Manoel Batista crê que a escolha entre António Costa e Pedro Nuno Santos “não acontecerá”. “Haverá entendimentos claros dentro do partido para que se respeite até ao limite a presença de António Costa. No momento em que António Costa disser que já não está disponível para continuar, aí sim, haverá cenários com Pedro Nuno Santos. Estarei com Pedro Nuno”, frisou.

Manoel Baptista preside à Comunidade Intermunicipal do Alto Minho

Esta importante associação dos municípios do Alto Minho, constituída em 2008, elegeu em 26 de Outubro os seus novos órgãos dirigentes. O presidente cessante da Assembleia Geral, Eduardo Paço Viana, presidiu ao acto de instalação e posse do Conselho Intermunicipal da CIM, fazendo-se também a eleição do Presidente e dois vice-presidentes, por lista única de consenso, sinal demonstrativo de harmonia política e coesão a nível regional dos dez municípios que a integram. Da eleição resultou, por unanimidade, a escolha de Manoel Batista para Presidente do Conselho Intermunicipal da CIM do Alto Minho, ficando

como vice-presidentes: Vasco Ferraz, da Câmara de Ponte de Lima, e Augusto Marinho, de Ponte da Barca que, após dois anos de mandato, passará a vice-presidência a António Barbosa, presidente da Câmara de Monção.

Bruno Caldas, primeiro secretário do Secretariado Executivo Intermunicipal foi igualmente reconduzido por unanimidade.

Esta comunidade de municípios dá maior escala a todos eles e permite reivindicar verbas do poder central e dos fundos europeus para aplicar na região como um todo, na certeza de que os respectivos autarcas saberão



quais os prioritários para cada um dos concelhos e para a região em si.

Com a Presidência confiada a Manoel Batista, Melgaço ficará, sem dúvida, bem colocado para o acesso às verbas do Orçamento de Estado e outras.

Monie Prado Minho Hotel & Spa

Em harmonia com a natureza



visite-nos: www.hotelmonieprado.pt